

ECATD-CAD 2024

Dimensão problemática



REPÚBLICA
PORTUGUESA
SAÚDE



SNS SERVIÇO NACIONAL
DE SAÚDE



ICAD

Instituto para os Comportamentos
Aditivos e as Dependências, I.P.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

ECATD-CAD 2024. Dimensão problemática.

AUTORES

Vasco Calado, Elsa Lavado

GRAFISMO

Layout: ICAD, IP / Gabinete de Tecnologias e Sistemas de Informação

Conteúdo: ICAD, IP / Departamento de Investigação, Monitorização e Comunicação / Unidade de Estatística e Investigação

CAPA

A partir de foto de Vasco Calado

EDITOR

ICAD, I.P. - Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências, I.P.

Parque de Saúde Pulido Valente

Alameda das Linhas de Torres – Nº. 117, Edifício ICAD

1750-147 Lisboa

DATA DE EDIÇÃO

2026

ISBN

978-989-36639-8-1

ECATD-CAD 2024

Dimensão problemática

SUMÁRIO EXECUTIVO

O presente relatório, produzido no âmbito do projeto *Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos* (ECATD-CAD 2024), analisa a dimensão problemática dos comportamentos aditivos entre alunos do ensino público português com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, privilegiando uma abordagem centrada nas consequências, nos fatores de risco e no potencial de dependência, em detrimento da análise exclusiva das prevalências de consumo. Como complemento aos resultados já apresentados em relatórios anteriores, o documento procura identificar os perfis de maior vulnerabilidade e aprofundar a compreensão da relação entre o consumo de substâncias psicoativas, os comportamentos aditivos sem substância e a ocorrência de problemas / situações problemáticas.

Os resultados apontam para uma evolução globalmente favorável relativamente ao cenário observado na anterior edição do estudo, cuja recolha de dados teve lugar em 2019, registando-se uma redução consistente da experiência de todas as situações problemáticas analisadas, incluindo condutas violentas, acidentes, hospitalizações, comportamentos sexuais de risco e outros episódios / acontecimentos potencialmente geradores de consequências negativas. Esta evolução ocorre num contexto em que, face à amostra de 2019, os alunos referem ter melhor rendimento escolar, maior supervisão parental e sair à noite menos frequentemente, fatores que parecem contribuir para um ambiente globalmente mais protetor relativamente a comportamentos de risco.

Apesar desta evolução positiva, os resultados demonstram que a diminuição das prevalências globais não corresponde necessariamente a uma redução proporcional da dimensão problemática dos comportamentos aditivos. Em vários indicadores observa-se uma concentração crescente dos comportamentos de maior risco num grupo relativamente reduzido de adolescentes, caracterizado por perfis de maior vulnerabilidade individual e social, o que torna claro que a redução do número global de consumidores não descarta a necessidade de intervenção junto de determinados grupos. Tal reforça a importância de identificar precocemente os jovens que apresentam padrões de consumo mais problemáticos e maior probabilidade de desenvolver consequências adversas.

O consumo recente de álcool e, sobretudo, de drogas ilícitas continua a constituir um dos principais fatores associados ao envolvimento em situações problemáticas, sendo que, face a 2019, se verifica um acentuar

desta tendência. O grupo dos alunos que consome substâncias psicoativas apresenta prevalências significativamente superiores de comportamentos sexuais de risco, problemas com a polícia, violência interpessoal, acidentes e outras situações potencialmente graves. Em comparação com a anterior edição do estudo, a diferença entre consumidores e não consumidores tornou-se ainda mais expressiva, indicando que os comportamentos de maior risco tendem hoje a concentrar-se de forma mais marcada entre os jovens que declaram um consumo recente de substâncias psicoativas.

Importa, contudo, reforçar que a maioria das situações problemáticas não ocorre na sequência de um episódio de consumo. Esta constatação permite que se olhe para o consumo de substâncias psicoativas também como um marcador de vulnerabilidade, inserindo-se num conjunto mais amplo de características individuais, familiares e sociais que podem favorecer simultaneamente comportamentos de risco de diferente natureza. Nesta perspetiva, os comportamentos aditivos podem ser compreendidos como parte integrante de estilos de vida e trajetórias de vulnerabilidade, mais do que como fenómenos isolados.

Entre os consumidores recentes, o policonsumo evidencia-se como um importante fator para a propensão para a experiência de problemas / situações problemáticas. Os adolescentes que acumulam consumo recente de álcool e de drogas ilícitas (ainda que não necessariamente na mesma ocasião) apresentam níveis substancialmente mais elevados de envolvimento em acidentes, problemas com a polícia, *cyberbullying* e comportamentos sexuais de risco quando comparados com aqueles que consomem apenas bebidas alcoólicas. Estes resultados reforçam a necessidade de privilegiar estratégias preventivas orientadas para a identificação precoce de padrões de policonsumo, em detrimento de abordagens exclusivamente centradas em substâncias individuais.

A análise da dimensão problemática dos diferentes comportamentos aditivos revela igualmente realidades distintas. No consumo de álcool, mantêm-se predominantes as motivações associadas ao prazer, à diversão e à sociabilidade. Contudo, verifica-se uma proporção relevante de jovens que referem consumir álcool para esquecer problemas, o que consiste num indicador frequentemente associado ao desenvolvimento de padrões de consumo nocivo e de dependência.

No caso da canábis, embora a maioria dos consumidores não apresente indicadores de risco de dependência, observa-se um aumento da proporção de consumidores classificados de risco elevado, coexistindo com um crescimento do grupo sem qualquer risco identificado. Verifica-se uma crescente heterogeneidade dos padrões de consumo de canábis e uma concentração das situações mais graves num subconjunto mais reduzido de consumidores.

Relativamente aos comportamentos aditivos sem substâncias, as redes sociais digitais continuam a constituir o fenómeno mais disseminado, mantendo-se uma proporção relevante de utilizadores que reconhece um tempo excessivo de utilização destas plataformas. No jogo eletrónico, incluindo o videojogo jogado exclusivamente online, os indicadores de utilização problemática permanecem globalmente

estáveis relativamente à edição anterior do estudo. Por sua vez, o jogo a dinheiro, apesar de continuar a envolver uma minoria dos adolescentes, regista um aumento da prevalência, embora acompanhado por uma ligeira diminuição dos indicadores associados à dimensão problemática (medida através da necessidade de aumentar as quantias envolvidas).

A análise dos fatores associados à dimensão problemática permite identificar um conjunto consistente de características que parece aumentar a vulnerabilidade dos adolescentes. O sexo masculino continua a apresentar maior envolvimento na maioria dos indicadores analisados, particularmente no que respeita aos problemas com a polícia, ao risco associado ao jogo eletrónico e ao jogo a dinheiro. Em contrapartida, as raparigas destacam-se pela maior prevalência de utilização problemática das redes sociais e pelo recurso ao consumo de álcool como estratégia para lidar com dificuldades emocionais.

A idade não constitui um fator diferenciador consistente, verificando-se uma distribuição relativamente equilibrada dos indicadores entre os dois grupos etários considerados. Pelo contrário, o rendimento escolar emerge como um dos fatores de proteção mais robustos, observando-se uma relação sistemática entre pior aproveitamento escolar e maior prevalência de comportamentos de risco.

Também o controlo parental assume, nesta edição do estudo, uma importância acrescida. Ao contrário do observado em 2019, os alunos sujeitos a menor supervisão parental apresentam atualmente níveis consideravelmente mais elevados de envolvimento em comportamentos problemáticos relacionados com o consumo de substâncias psicoativas, reforçando o papel protetor que a família pode desempenhar durante a adolescência. Esta associação revela-se, contudo, menos evidente relativamente aos comportamentos aditivos digitais.

Os hábitos de saída à noite constituem igualmente um importante fator de diferenciação. Tal como concluído na anterior edição do estudo, os alunos que frequentam regularmente contextos de diversão noturna apresentam prevalências bastante mais elevadas na maioria dos indicadores analisados do que aqueles que saem à noite com menor frequência ou que não o fazem de todo, confirmando a associação entre estes contextos e a exposição a comportamentos de risco.

Pela primeira vez, foi ainda considerada a dimensão do bem-estar físico e emocional. Os resultados evidenciam uma associação consistente entre níveis reduzidos de bem-estar e maior envolvimento em problemas / situações problemáticas, particularmente no que se refere ao consumo de álcool para lidar com dificuldades emocionais, o que reforça a necessidade de integrar a promoção da saúde mental nas estratégias de prevenção dos comportamentos aditivos.

Uma análise regional evidencia alterações relativamente ao estudo anterior. O Alentejo surge como a região que concentra maior número de indicadores desfavoráveis, seguindo-se a Região Autónoma dos Açores, enquanto Lisboa deixa de assumir a posição de maior vulnerabilidade observada em 2019.

Globalmente, os resultados permitem concluir que a evolução recente dos comportamentos aditivos entre os adolescentes portugueses é globalmente favorável, verificando-se uma redução das prevalências de consumo e da experiência da maioria das situações problemáticas. Todavia, esta evolução ocorre em paralelo com uma crescente concentração dos comportamentos de maior risco num grupo relativamente restrito de jovens que parece acumular múltiplos fatores de vulnerabilidade, nomeadamente baixo rendimento escolar, reduzido controlo parental, menor bem-estar físico e emocional e padrões de policonsumo.

Neste contexto, os resultados reforçam a necessidade de olhar para a identificação precoce dos alunos que apresentam maior risco, a integração da promoção da saúde mental nas respostas preventivas, o reforço das competências parentais e a intervenção sobre os fatores de vulnerabilidade que antecedem os comportamentos aditivos como áreas prioritárias para a definição de políticas públicas e para o desenvolvimento de intervenções preventivas cada vez mais eficazes.

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO	3
INTRODUÇÃO.....	11
METODOLOGIA.....	13
Amostra	13
PROBLEMAS.....	17
Situações problemáticas em geral	17
Situações problemáticas depois do consumo.....	21
Indicadores de Uso Problemático	26
PERFIL.....	37
DISCUSSÃO	57
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses, entre o total de inquiridos (resposta múltipla) (%) 2024.....	18
Figura 2. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses, entre consumidores e não consumidores (recentes) de álcool (resposta múltipla) (%) 2024	19
Figura 3. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses, entre consumidores e não consumidores (recentes) de drogas ilícitas (resposta múltipla) (%) 2024.....	19
Figura 4. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses depois de ter havido consumo de álcool, entre o total dos inquiridos e consumidores recentes de álcool (resposta múltipla) (%) 2024	22
Figura 5. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses depois de ter havido consumo de álcool, entre consumidores recentes de álcool e de drogas ilícitas e consumidores recentes de álcool sem drogas ilícitas (resposta múltipla) (%) 2024.....	23
Figura 6. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses depois de ter havido consumo de drogas ilícitas, entre o total dos inquiridos, e consumidores recentes de drogas ilícitas (resposta múltipla) (%) 2024	24
Figura 7. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses depois de ter havido consumo de drogas ilícitas, entre consumidores recentes de drogas ilícitas e de álcool e consumidores recentes de drogas ilícitas sem álcool (resposta múltipla) (%) 2024	26
Figura 8. Motivações de consumo nos últimos 12 meses (sempre ou frequentemente), entre consumidores recentes de álcool (resposta múltipla) (%). 2024.....	27
Figura 9. Escala de avaliação da dependência de canábis (CAST), entre os consumidores recentes de canábis (%). 2024	29
Figura 10. Nível de risco dependência de canábis (CAST), entre os consumidores recentes de canábis (%). 2024	29
Figura 11. Perceções da utilização de Redes Sociais, entre utilizadores (%). 2024.....	31
Figura 12. Perceções da utilização de Jogo Eletrónico, entre utilizadores nos últimos sete dias (%). 2024	32
Figura 13. Escala de avaliação da dimensão problemático do jogo <i>online</i> (POGQ-SF), entre jogadores <i>online</i> (%) 2024	33
Figura 14. Avaliação de padrão de jogo <i>online</i> problemático, entre jogadores <i>online</i> (%) 2024	34
Figura 15. Perceção de problemas associados ao jogo a dinheiro, entre jogadores recentes a dinheiro (%). 2024 ...	35
Figura 16. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por sexo (%). 2024	38

Figura 17. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por sexo (%). 2024	39
Figura 18. Risco elevado de dependência de canábis, entre consumidores recentes, por sexo (%). 2024.....	39
Figura 19. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por sexo (%). 2024	40
Figura 20. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por idade (%). 2024	41
Figura 21. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por idade. 2024 (%).....	42
Figura 22. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por idade (%). 2024	42
Figura 23. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre utilizadores e jogadores, por idade (%). 2024	43
Figura 24. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por rendimento escolar (%). 2024	46
Figura 25. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por rendimento escolar (%). 2024	46
Figura 26. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por rendimento escolar (%). 2024.....	47
Figura 27. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por rendimento escolar (%). 2024	47
Figura 28. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por nível de controlo parental (%). 2024.....	49
Figura 29. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por nível de controlo parental(%). 2024.....	49
Figura 30. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por nível de controlo parental (%). 2024.....	50
Figura 31. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por nível de controlo parental (%). 2024.....	50
Figura 32. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por frequência de saída à noite (%). 2024.....	52
Figura 33. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por frequência de saída à noite (%). 2024.....	52
Figura 34. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por frequência de saída à noite (%). 2024	53
Figura 35. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por frequência de saída à noite (%). 2024	53

Figura 36. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por nível de bem-estar físico e emocional (%). 2024.....	54
Figura 37. Beber frequentemente/sempr para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por nível de bem-estar físico e emocional (%). 2024.....	55
Figura 38. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por nível de bem-estar físico e emocional (%). 2024.....	55
Figura 39. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por nível de bem-estar físico e emocional(%). 2024	56
Tabela 1. Distribuição dos inquiridos por sexo, grupo etário, região, rendimento escolar, bem-estar, controlo parental e saídas à noite (%) 2024	14
Tabela 2. Problemas ou situações problemáticas, por região (%). 2024	44

INTRODUÇÃO

Depois de apresentados os resultados nacionais (Lavado & Calado, 2025a) e regionais (Lavado & Calado, 2025b) do projeto ECATD-CAD 2024, começaram a ser efetuadas análises temáticas mais específicas. Primeiro um estudo sobre a relação entre os comportamentos aditivos e a saúde psicológica dos alunos (Calado & Lavado, 2026), ao que se segue, com o presente relatório, o tema da dimensão problemática.

A partir da análise de um conjunto de indicadores relativos a problemas / situações problemáticas entre os jovens alunos do ensino público, com idades entre os 13 e os 18 anos, procura-se perceber a real expressão da dimensão problemática associada aos comportamentos aditivos, bem como o perfil dos alunos que apresentam maior risco decorrente do consumo de substâncias psicoativas e de outros comportamentos aditivos sem substâncias. Desta forma, o principal objetivo do presente estudo passa por retirar o foco das prevalências de consumo, centrando a análise nas consequências e risco de dependência dos comportamentos aditivos.

No essencial, o presente relatório é a replicação de um outro (Calado & Lavado, 2021), referente à edição anterior do estudo, sendo que, mais uma vez, se remete para o relatório nacional (Lavado & Calado, 2025a) para uma discussão mais detalhada acerca do enquadramento e dos objetivos do projeto ECATD-CAD.

METODOLOGIA

Para uma discussão aprofundada dos procedimentos metodológicos adotados na presente edição, remete-se para o relatório nacional do estudo (Lavado & Calado, 2025a: 27-32). Ainda assim, importa caracterizar a amostra no que respeita às variáveis que serão objeto de análise neste relatório temático: sexo, idade, região, rendimento escolar, controlo parental, saídas à noite e bem-estar.

AMOSTRA

A tabela 1 sintetiza a amostra (N=11.083) em função de algumas variáveis sociodemográficas, permitindo perceber que é ligeiramente mais feminina (52%) do que masculina (48%) e que os alunos mais velhos (16-18 anos) estão em maior proporção (56%) do que os alunos mais novos (13-15 anos) (44%). O Norte é a região mais representada (29%), seguindo-se o Centro (22%) e a Área Metropolitana de Lisboa (20%).

Replicando o que foi feito no estudo anterior (Calado & Lavado, 2021), na presente análise recorre-se ao rendimento escolar, ao controlo parental e aos hábitos de saída à noite como variáveis de caracterização, a que se junta, pela primeira vez, o nível de bem-estar físico e emocional.

Em relação ao rendimento escolar, é muito diminuta a percentagem de alunos que declaram ter um aproveitamento insuficiente (3%), predominando ao invés um rendimento escolar bom / muito bom (60%), enquanto os restantes indicam um aproveitamento de nível intermédio («suficiente») (37%). Tendo em conta a definição de regras relativamente ao que podem fazer em casa ou fora dela, cerca de metade dos alunos declara que os seus pais / educadores exercem um controlo parental forte (52%), sendo minoritários aqueles que dizem estar sujeitos a um controlo parental moderado (16%) ou fraco (32%). A maior parte dos alunos (59%) declara sair à noite ocasionalmente, enquanto são poucos aqueles que indicam sair à noite de uma forma assídua (16%) ou que não saem de todo (25%). Quanto ao bem-estar físico e emocional, tal como é aferido pela Organização Mundial da Saúde (Domenech *et al.*, 2025), são mais os alunos que apresentam um nível adequado (56%) do que desadequado (44%).

Mais à frente, a dimensão problemática dos comportamentos aditivos será analisada em função destas sete variáveis, procurando, deste modo, traçar o perfil dos alunos que apresentam consequências mais nefastas, incluindo o risco de dependência.

Tabela 1. Distribuição dos inquiridos por sexo, grupo etário, região, rendimento escolar, bem-estar, controlo parental e saídas à noite (%) **2024**

SEXO		RENDIMENTO ESCOLAR ¹	
Masculino	48,1	Bom / Muito Bom	60,4
Feminino	51,9	Suficiente	36,9
GRUPO ETÁRIO		Insuficiente	2,7
13-15	44,1	BEM-ESTAR ²	
16-18	55,9	Bom	55,8
REGIÃO ³		Mau	44,2
Norte	28,9	CONTROLO PARENTAL ⁴	
Centro	21,9	Forte	51,9
Lisboa	20,3	Moderado	15,8
Alentejo	9,9	Fraco	32,3
Algarve	3,6	SAÍDAS À NOITE ⁵	
Açores	11,9	Frequentemente	16,4
Madeira	3,5	Ocasionalmente	59,0
		Nunca	24,6

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

¹ *Bom / Muito Bom* corresponde a um rendimento escolar geral de 4 e 5 valores, no 3º Ciclo, e a 14 valores ou mais, no Secundário; *Suficiente* corresponde a um rendimento escolar geral de 3 valores, no 3º Ciclo, e 10 a 13 valores, no Secundário; *Insuficiente* corresponde a um rendimento escolar geral de 1 a 2 valores, no 3º Ciclo, e 9 valores ou menos, no Secundário. Como a pergunta era «qual é a classificação que melhor descreve o teu rendimento escolar no período letivo anterior», a variável é construída com base no rendimento escolar declarado pelo aluno.

² A categorização dicotómica é feita com base no Índice de Bem-Estar da OMS (ver Calado & Lavado, 2026:27-29).

³ As regiões correspondem às NUTII (ver Lavado & Calado, 2025b: 20).

⁴ A categoria *Controlo Parental* foi construída a partir de uma questão em que se perguntava com que frequência os pais / educadores dos inquiridos definem regras sobre o que estes podem fazer em casa e na rua. *Forte* corresponde a “quase sempre / frequentemente”, *Moderado* corresponde a “às vezes” e *Fraco* corresponde a “raramente / quase nunca”. Mais uma vez, a variável é construída a partir da perceção declarada pelo aluno.

⁵ *Frequentemente* corresponde a uma base semanal (“uma vez por semana ou mais”); *Ocasionalmente* corresponde a uma base mensal ou menos (“uma a duas vezes por mês ou menos”).

2019 / 2024

Comparando a amostra atual com a do estudo anterior, verificam-se algumas mudanças no que às variáveis em análise diz respeito. Se a distribuição dos inquiridos por sexo e grupo etário se mantém essencialmente a mesma, o panorama relativo ao rendimento escolar, ao controlo parental e aos hábitos de saída à noite sofreu alterações relevantes: entre 2019 e 2024, aumentou a percentagem de alunos que declaram ter bom ou muito bom rendimento escolar (+9pp.), bem como contar com um forte controlo parental (+17 pontos percentuais). Em sentido contrário, face à última edição do estudo, os hábitos de saída à noite tornaram-se menos frequentes, aumentando a proporção de alunos que indicam nunca o fazer (+4pp.). O estudo anterior não contemplava qualquer questão relativa ao nível de bem-estar físico e emocional.

PROBLEMAS

SITUAÇÕES PROBLEMÁTICAS EM GERAL

O questionário aplicado aos alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos dedicava algum espaço à experiência de problemas nos 12 meses anteriores à inquirição. Em concreto, era colocada uma questão acerca da experiência recente de um conjunto de situações problemáticas, de diferente natureza e grau de severidade.

Sendo uma pergunta de resposta múltipla, os inquiridos podiam selecionar, entre os vários problemas elencados⁶, todos os que tivessem sofrido / experienciado no último ano. «Acidentes / ferimentos» foi a situação que mais inquiridos declararam ter vivenciado recentemente (21%), seguindo-se «lutas» (17%) e «discussões graves» (16%), enquanto «envolver-se num acidente enquanto condutor de carro, mota ou outro veículo» foi a situação que os alunos referiram menos ter acontecido (1%).

Assim sendo, pode dizer-se que as situações mais gravosas foram tendencialmente menos experienciadas pelos alunos do que aquelas com um potencial menos nefasto. Ainda assim, é de salientar a percentagem de alunos que, no ano anterior à inquirição, foram vítimas de *bullying* presencial (14%), tiveram de ser hospitalizados ou recorreram a um serviço de urgência por causa de acidente / ferimento (8%), se magoaram a si próprios intencionalmente (8%) ou tiveram relações sexuais desprotegidas (6%) (Figura 1).

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, diminuiu a experiência de todas as situações problemáticas elencadas. Em termos absolutos, o decréscimo foi maior (-4pp.) no que concerne a relações sexuais desprotegidas, lutas e discussões graves. No entanto, em termos relativos, destaca-se o decréscimo da experiência de hospitalizações / idas à urgência por episódios de embriaguez / intoxicação, cujos valores, entre 2019 e 2024, diminuíram para cerca de metade.

⁶ Relativamente ao questionário aplicado em 2019, foi eliminada das opções disponíveis uma situação problemática («estragar ou perder objetos / roupa») e acrescentadas outras quatro (ser vítima e perpetrador de *bullying* presencial e *online*).

Figura 1. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses, entre o total de inquiridos (resposta múltipla) (%) **2024**

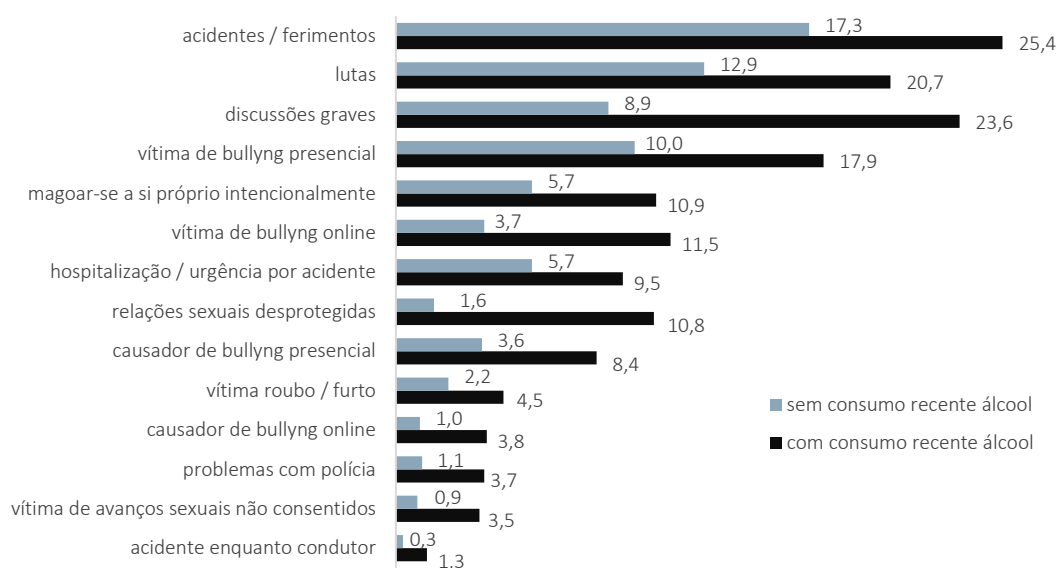


Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Quando se analisa a experiência recente dos problemas elencados em função da situação face ao consumo recente de álcool, verifica-se que todas as situações problemáticas são substancialmente mais prevalentes entre o grupo de alunos que consumiram álcool no último ano do que entre aqueles que declararam não ter ingerido bebidas alcoólicas durante esse período. No entanto, a diferença é maior numas situações do que noutras, sendo que, face aos não consumidores, os consumidores recentes de álcool destacam-se sobretudo no que às relações sexuais desprotegidas diz respeito (rácio de sete para um). Nas restantes situações, os valores registados pelos consumidores recentes de álcool são entre duas a quatro vezes mais elevados do que os registados entre os não consumidores, com exceção de ter sofrido acidentes / ferimentos, ter sido hospitalizado / ido a uma urgência hospitalar por causa de acidente, envolver-se em lutas, ser vítima de *bullying* presencial e também magoar-se a si próprio intencionalmente, casos em que o rácio não chega a dois para um (Figura 2).

Também os consumidores recentes de drogas ilícitas se envolveram mais em todas as situações problemáticas elencadas do que os alunos que declaram não ter consumido este tipo de substâncias no último ano. A diferença é proporcionalmente maior no que concerne a envolver-se num acidente enquanto condutor do veículo e a ter problemas com a polícia (dez vezes mais, em ambas as situações), bem como ter relações sexuais desprotegidas (oito vezes mais). Em sentido contrário, a diferença em função da situação face ao consumo de drogas ilícitas é menos acentuada no que respeita a sofrer acidentes / ferimentos (com e sem necessidade de recorrer à urgência hospitalar) e envolver-se em lutas, casos em que o rácio não chega a dois para um (Figura 3).

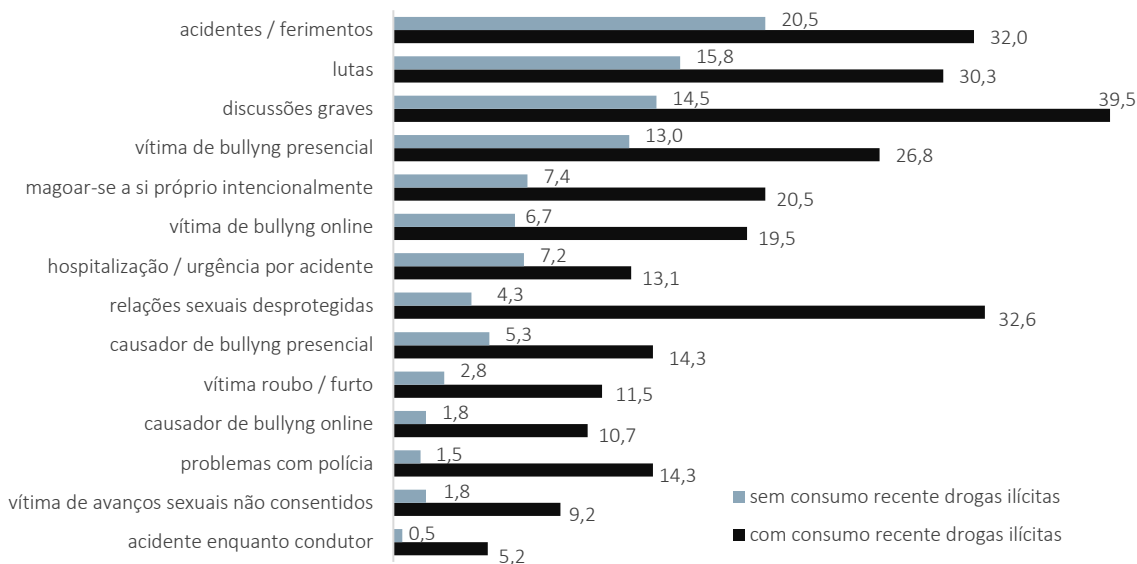
Figura 2. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses, entre consumidores e não consumidores (recentes) de álcool (resposta múltipla) (%) 2024



Teste Exato de Fisher: significativo ($p < 0.001$) em todas as situações/problemas

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 3. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses, entre consumidores e não consumidores (recentes) de drogas ilícitas (resposta múltipla) (%) 2024



Teste Exato de Fisher: significativo ($p < 0.001$) em todas as situações/problemas

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, a experiência de problemas entre os alunos que consomem álcool e drogas ilícitas e aqueles que não o fazem tornou-se mais discrepante, no sentido em que a diferença de valores registados entre ambos os grupos (consumidores e não consumidores) se acentuou. Assim sendo, pode dizer-se que, se na edição anterior do estudo a situação face ao consumo de álcool e de drogas ilícitas já era um fator preponderante na vivência de situações problemáticas, hoje ainda o é mais.

Não obstante, em comparação com os resultados obtidos em 2019, os consumidores recentes de álcool registam hoje uma menor prevalência de todos os problemas elencados, com destaque para lutas (-4pp.), acidentes que obrigam a hospitalizações / idas à urgência e relações sexuais desprotegidas (-3pp., em ambas as situações).

Já entre os consumidores recentes de drogas ilícitas, verifica-se o contrário. Entre 2019 e 2024, a experiência dos vários problemas tornou-se mais comum, com exceção de lutas (-2pp.). Face a 2019, o aumento foi maior no que concerne a discussões graves (+8pp.), magoar-se a si próprio intencionalmente e relações sexuais desprotegidas (+5pp., em ambas as situações).

Comparando a prevalência de problemas registada entre o grupo dos consumidores recentes de álcool e a dos consumidores recentes de drogas ilícitas, verifica-se que os segundos registam valores mais elevados do que os primeiros em todas as outras situações problemáticas. Embora tal já se verificasse na anterior edição do estudo, os resultados agora obtidos confirmam um acentuar da tendência, fazendo da situação face ao consumo de drogas ilícitas um fator hoje particularmente decisivo na experiência de situações problemáticas entre a população em estudo.

É no que concerne a acidentes enquanto condutor de veículo, problemas com a polícia e a relações sexuais sem proteção que a diferença entre consumidores de álcool e consumidores de drogas ilícitas é maior, pois, nestes casos, a prevalência registada entre os alunos que consumiram recentemente drogas ilícitas é entre três a quatro vezes superior à registada pelos alunos que consumiram álcool no mesmo período.

Em suma, tal como se tinha concluído na anterior edição do estudo, ser consumidor recente de bebidas alcoólicas e, sobretudo, de drogas ilícitas é algo que está fortemente associado ao envolvimento em problemas / situações problemáticas, sobretudo no que diz respeito a comportamentos de risco de natureza sexual e a problemas com a lei. Em sentido inverso, sofrer acidentes / ferimentos, incluindo

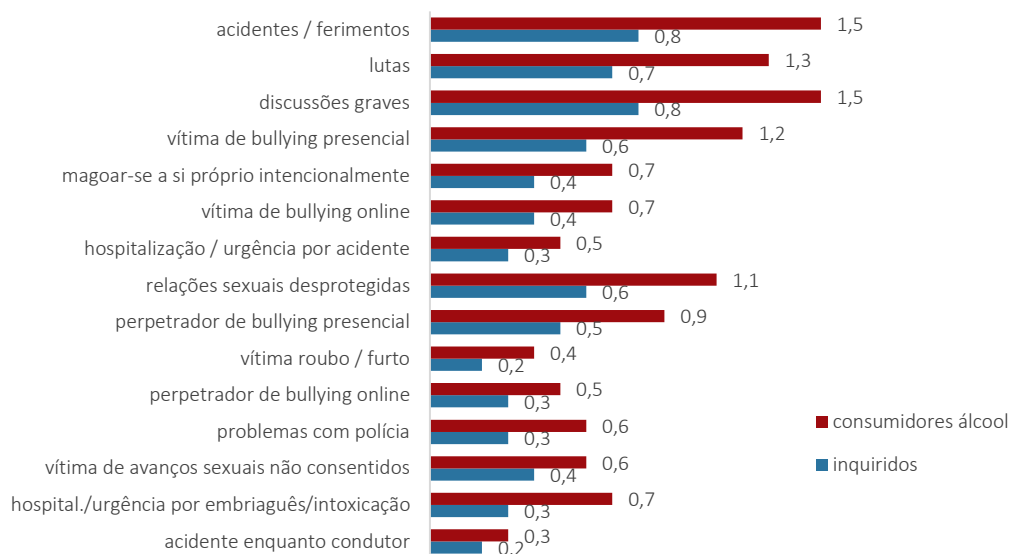
aqueles que obrigam a hospitalização / ter de recorrer a um serviço de urgência, é a situação cuja prevalência proporcionalmente menos aumenta em função da situação face ao consumo de álcool e de drogas ilícitas, ainda que seja claramente mais elevada entre consumidores recentes de substâncias psicoativas.

Até aqui, a análise contemplou o conjunto de todas as situações problemáticas, independentemente das circunstâncias em que ocorreram. No entanto, a pergunta foi formulada de modo a permitir identificar se cada problema ocorreu após o consumo de álcool e/ou drogas ilícitas pelo aluno, o que possibilita uma melhor compreensão da relação entre o consumo de substâncias psicoativas e a experiência de problemas ou situações problemáticas. Tal será analisado a seguir.

SITUAÇÕES PROBLEMÁTICAS DEPOIS DO CONSUMO

A proporção de inquiridos que se envolveram no último ano nas várias situações problemáticas depois de terem consumido álcool é residual, nunca ultrapassando 1%. Mesmo quando a análise se restringe aos consumidores recentes de bebidas alcoólicas, as prevalências permanecem muito pouco expressivas. Ou seja, se ser consumidor recente de álcool é um fator que faz aumentar o risco do aluno se envolver numa série de problemas, tal não significa que as situações decorram necessariamente do consumo. Assim, por exemplo, se, como se viu atrás, no último ano 21% dos alunos sofreram acidentes / ferimentos e 17% se envolveram em lutas, a percentagem que declara que tais situações ocorreram depois de ter havido consumo de álcool não chega a 1% (Figura 4).

Figura 4. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses depois de ter havido consumo de álcool, entre o total dos inquiridos e consumidores recentes de álcool (resposta múltipla) (%) 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, entre os alunos, verifica-se uma tendência de decréscimo da prevalência de situações problemáticas depois de ter havido consumo de álcool. Tal é válido tanto entre o total de inquiridos como considerando apenas o grupo de consumidores recentes. As únicas exceções são ter sido hospitalizado ou ter tido de recorrer a uma urgência hospitalar e também envolver-se num acidente enquanto condutor de carro, mota ou outro veículo, cujos valores se mantiveram ou aumentaram de forma residual. Em sentido contrário, ter relações sexuais desprotegidas é uma situação problemática que parece hoje claramente menos associada ao consumo de álcool, na medida em que, entre 2019 e 2024, a prevalência desta situação associada ao consumo desceu para cerca de metade.

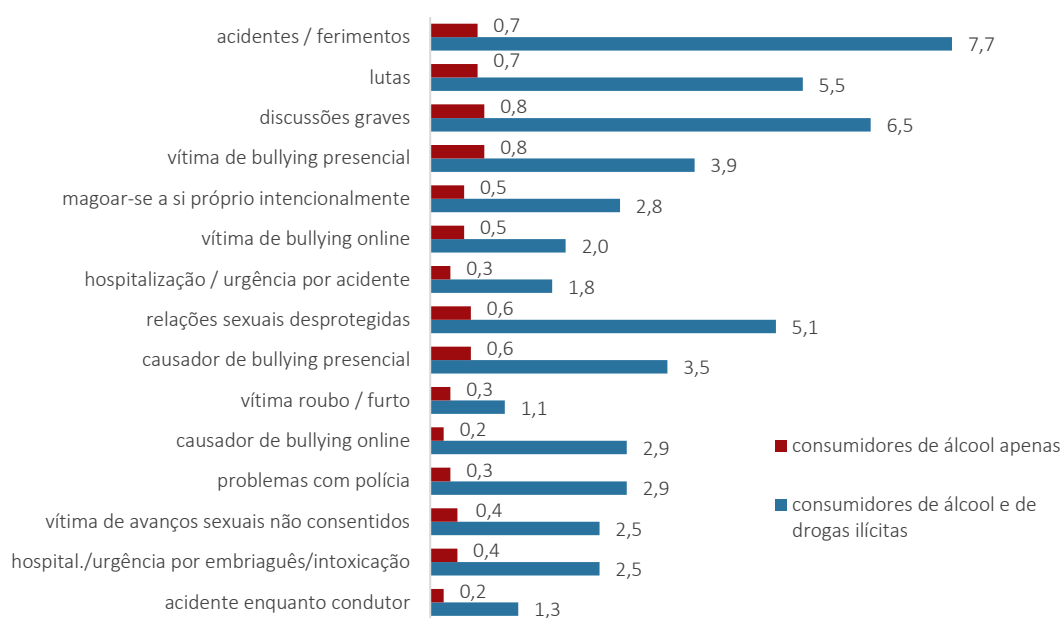
Procurou-se também perceber se a experiência de situações problemáticas depende de outros fatores, nomeadamente do consumo de outras substâncias psicoativas, pelo que se separaram os consumidores recentes de bebidas alcoólicas entre aqueles que no último ano também consumiram drogas ilícitas e os

que não o fizeram (a grande maioria⁷), permitindo constatar que a prevalência da experiência de problemas depois do consumo de álcool entre os primeiros é exponencialmente mais elevada.

A diferença é proporcionalmente maior em determinadas situações, incluindo algumas de maior severidade. Face aos alunos que apenas consumiram álcool no último ano, os que também consumiram drogas ilícitas apresentam uma prevalência muito maior da prática de *cyberbullying* (quinze vezes mais), ter sofrido acidentes / ferimentos (onze vezes mais) ou ter tido problemas com a polícia (dez vezes mais). Ser vítima de *cyberbullying* e de roubo / furto são as situações cuja prevalência menos varia, mas ainda assim os alunos que acumularam o consumo de álcool com o consumo de drogas ilícitas apresentam valores quatro vezes mais elevados do que os alunos que apenas consumiram álcool recentemente (Figura 5).

Face aos resultados obtidos na anterior edição do estudo, o policonsumo (não necessariamente na mesma ocasião, relembre-se) de álcool e drogas ilícitas assume-se hoje como uma prática ainda mais decisiva na experiência de problemas nos últimos 12 meses, tendo aumentado a diferença entre os consumidores recentes de álcool apenas e os consumidores de álcool e de drogas ilícitas no que respeita à prevalência da maioria dos problemas elencados.

Figura 5. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses depois de ter havido consumo de álcool, entre consumidores recentes de álcool e de drogas ilícitas e consumidores recentes de álcool sem drogas ilícitas (resposta múltipla) (%) 2024



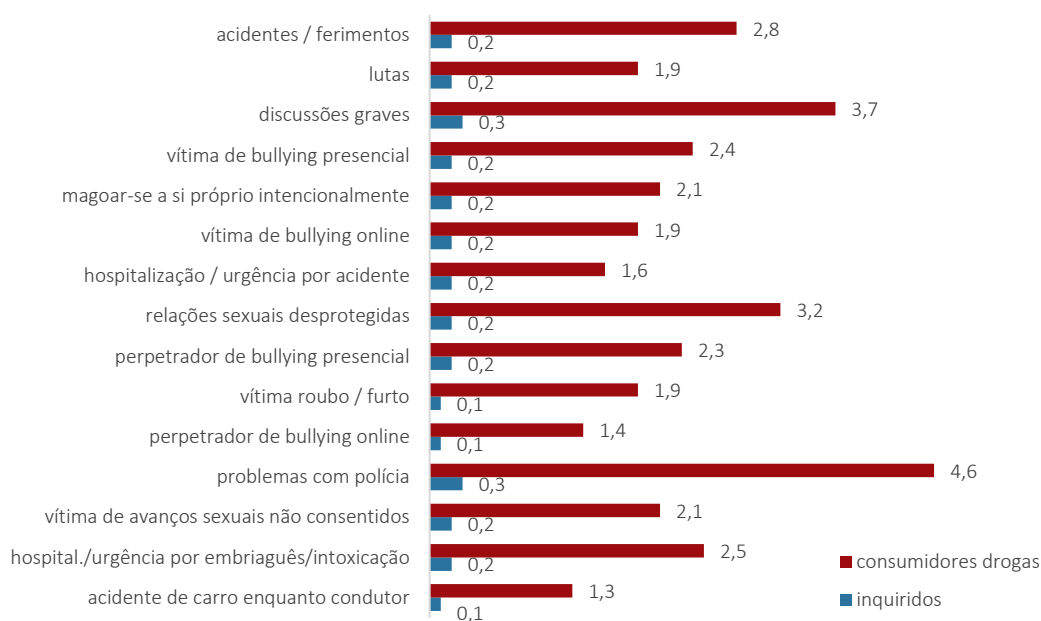
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

⁷ A percentagem de consumidores recentes de bebidas alcoólicas que, no último ano, também consumiram drogas ilícitas totaliza 12%.

Entre os inquiridos, a percentagem que, nos 12 meses anteriores à aplicação do questionário, se envolveu nas várias situações problemáticas elencadas depois do consumo de drogas ilícitas é próxima de zero. No entanto, quando a análise se restringe ao grupo de consumidores recentes de drogas ilícitas, é possível constatar que as prevalências adquirem relevância, ainda que em causa estejam valores tendencialmente muito diminutos. Assim, no último ano, depois de um episódio de consumo, 5% dos consumidores recentes de drogas ilícitas tiveram problemas com a polícia, 4% envolveram-se em discussões graves e 3% tiveram relações sexuais desprotegidas (Figura 6).

Embora se trate de um fenómeno pouco expressivo, verifica-se que, entre os respetivos consumidores, a experiência de problemas na sequência do consumo é mais prevalente quando em causa estão as drogas ilícitas do que quando o álcool é a substância consumida, sendo a diferença mais acentuada no que se refere aos problemas com a polícia (4pp.).

Figura 6. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses depois de ter havido consumo de drogas ilícitas, entre o total dos inquiridos, e consumidores recentes de drogas ilícitas (resposta múltipla) (%) 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

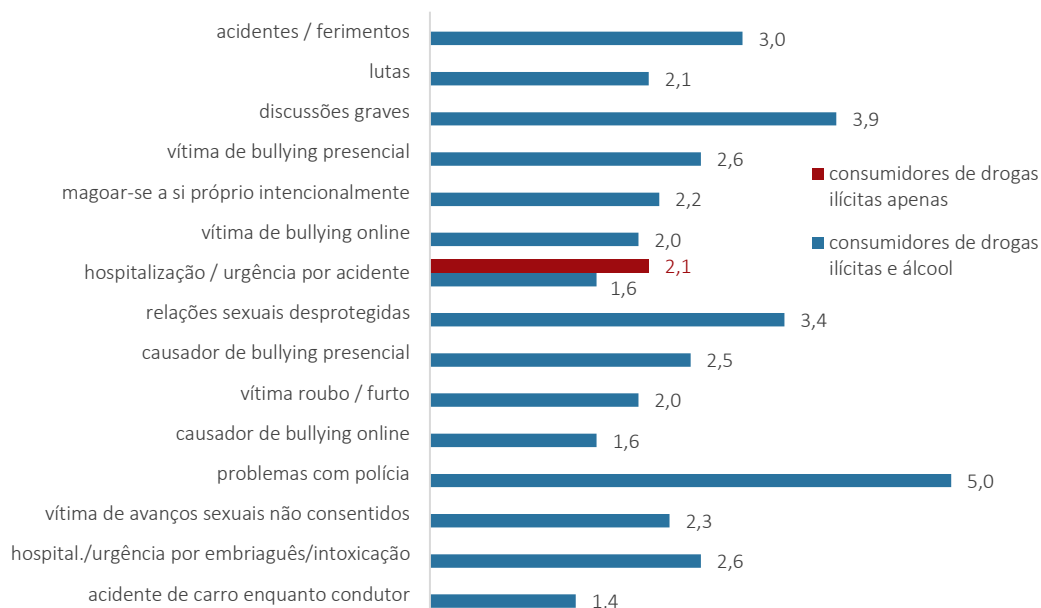
2019 / 2024

Face ao estudo anterior, verificam-se tendências discrepantes no que se refere à prevalência de situações problemáticas depois de ter havido consumo de drogas ilícitas por parte dos alunos. Quando se considera o total de inquiridos, verifica-se uma tendência de estabilização ou pequeno decréscimo da experiência de problemas depois do consumo deste tipo de substâncias. No entanto, quando a análise se restringe ao grupo dos consumidores recentes, verifica-se uma tendência em sentido contrário: entre os alunos que consumiram drogas ilícitas no último ano, a experiência de situações problemáticas associadas ao consumo é hoje mais comum, com exceção do envolvimento em lutas. O aumento foi proporcionalmente mais acentuado no que se refere a ser vítima de avanços sexuais não consentidos e acidente enquanto condutor de carro, mota ou outro veículo depois de um episódio de consumo, cujos valores duplicaram entre 2019 e 2024.

Separando os consumidores recentes de drogas ilícitas entre aqueles que também consumiram álcool no último ano e os que não o fizeram (uma percentagem diminuta⁸), constata-se que apenas os primeiros experienciaram situações problemáticas, com exceção de hospitalização / ida à urgência por causa de acidente, caso em que, inclusivamente, os alunos que consumiram apenas drogas ilícitas registam uma prevalência ligeiramente superior aos consumidores de álcool e drogas ilícitas. Nas restantes situações problemáticas, os alunos que consumiram exclusivamente drogas ilícitas registam valores próximos de zero (Figura 7).

⁸ A percentagem de consumidores recentes de drogas ilícitas que, no último ano, também consumiram bebidas alcoólicas totaliza 93%.

Figura 7. Situações / problemas experienciados nos últimos 12 meses depois de ter havido consumo de drogas ilícitas, entre consumidores recentes de drogas ilícitas e de álcool e consumidores recentes de drogas ilícitas sem álcool (resposta múltipla) (%) 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Em suma, ser-se consumidor de álcool e de drogas ilícitas está hoje claramente associado a um maior envolvimento em situações problemáticas, mesmo que os problemas não ocorram necessariamente na sequência de um episódio de consumo.

Entre os respetivos consumidores, a experiência de problemas é maior entre os alunos que são consumidores de ambas os tipos de substâncias psicoativas e menor entre aqueles que só consomem bebidas alcoólicas ou só drogas ilícitas.

INDICADORES DE USO PROBLEMÁTICO

Para além do envolvimento em situações problemáticas no último ano, independentemente de terem ocorrido na sequência de um episódio de consumo de álcool e de drogas ilícitas, o questionário aplicado aos alunos incluía questões especificamente pensadas para aferir direta ou indiretamente a dimensão problemática dos diversos comportamentos aditivos em análise.

Álcool

Foi colocada uma resposta múltipla sobre as motivações de consumo de álcool com o objetivo de procurar perceber com que frequência, nos 12 meses anteriores à inquirição, os alunos que ingeriram bebidas alcoólicas o fizeram em função de um conjunto de razões. A principal conclusão é que, à semelhança da anterior edição do estudo, os motivos ligados ao prazer, à diversão e à sociabilidade são os que os consumidores tendem a apontar como explicação mais relevante para o consumo recente de bebidas alcoólicas. Em sentido inverso, os motivos ligados à pressão de grupo e à integração social são os menos prevalentes.

Num plano intermédio, encontram-se os motivos relacionados com os estados emocionais e a função ansiolítica que alguns atribuem ao consumo de álcool. Assim, 8% dos alunos que ingeriram bebidas alcoólicas no último ano declararam que o fizeram sempre ou muito frequentemente como uma forma de esquecer problemas, enquanto um pouco menos o fez com a mesma frequência para ultrapassar estados de «neura» (5%) e estados depressivos ou de ansiedade (5%) (Figura 8).

Embora a questão colocada aos alunos não constitua uma aferição clínica, aqueles que ingerem bebidas alcoólicas para esquecer problemas e lidar com o sofrimento psicológico não podem deixar de serem considerados potenciais consumidores problemáticos, uma vez que há muito que a literatura estabeleceu uma relação entre este tipo de consumo e o desenvolvimento futuro de padrões de uso nocivo e dependência (Bresin & Mekawi, 2020; Skrzynski & Creswell, 2020).

Figura 8. Motivações de consumo nos últimos 12 meses (sempre ou frequentemente), entre consumidores recentes de álcool (resposta múltipla) (%). 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, as principais motivações indicadas para ingerir bebidas alcoólicas permanecem essencialmente as mesmas, com destaque para a dimensão hedonista do consumo, que nesta faixa etária parece estar muito associado ao prazer e à diversão. Tal como em 2019, os motivos para ingerir bebidas alcoólicas ligados à pressão social permanecem os menos referidos. Por seu lado, entre 2019 e 2024, aumentou ligeiramente (+1pp.) a percentagem de consumidores recentes que indicaram beber álcool frequentemente como uma forma de esquecer os problemas, enquanto não se verificaram alterações nos valores relativos ao consumo de álcool com o objetivo de atenuar um estado de mal-estar emocional ou sintomas depressivos / ansiosos.

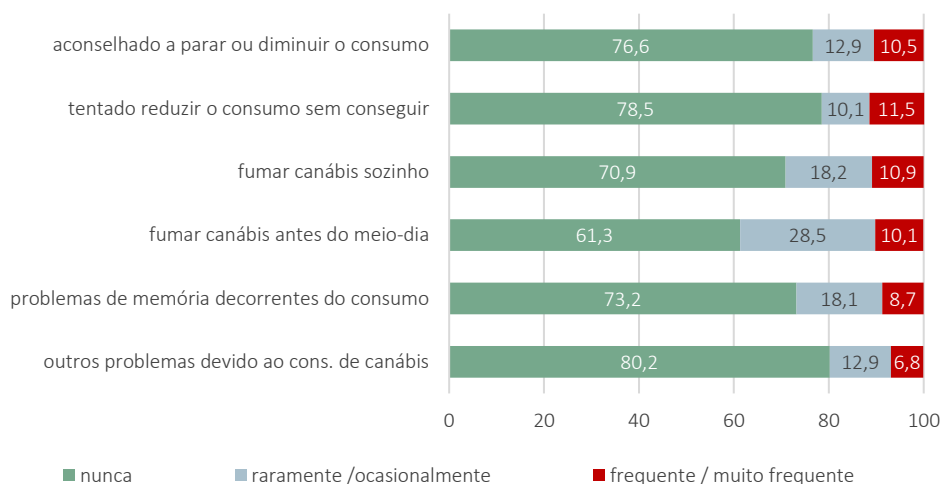
Drogas ilícitas

Para avaliar a dimensão problemática do consumo de canábis, a droga ilícita mais usada pelos alunos⁹, o questionário recorreu ao *Cannabis Abuse Screening Test* – CAST (Legleye *et al.*, 2007). Composto por seis questões, este teste foi desenhado para identificar comportamentos de risco associados ao uso recente desta substância, permitindo especificamente aferir o risco de dependência dos consumidores, distribuindo-os em quatro categorias: sem risco, baixo risco, risco moderado ou risco elevado.

Entre os alunos que consumiram esta droga ilícita nos 12 meses anteriores à inquirição, verifica-se que qualquer uma das situações problemáticas que compõem o teste foi referida apenas por uma minoria dos consumidores recentes. Fumar canábis antes do meio-dia foi a situação que mais ocorreu (39%), enquanto ter sofrido outros problemas decorrentes do consumo de canábis, tais como discussões, lutas, acidentes, maus resultados escolares, etc., foi a que menos se verificou (20%). Em relação à frequência com que estas situações foram vivenciadas, exceto ter tentado reduzir o consumo sem o conseguir, todas ocorreram mais ocasional do que frequentemente. Ter sofrido problemas decorrentes do consumo de canábis, tais como discussões, lutas, acidentes, maus resultados escolares, etc., foi a situação que menos consumidores recentes declararam ter ocorrido frequentemente (7%) (Figura 9).

⁹ 7% dos inquiridos consumiram canábis alguma vez na vida, 6% no último ano e 3% no último mês.

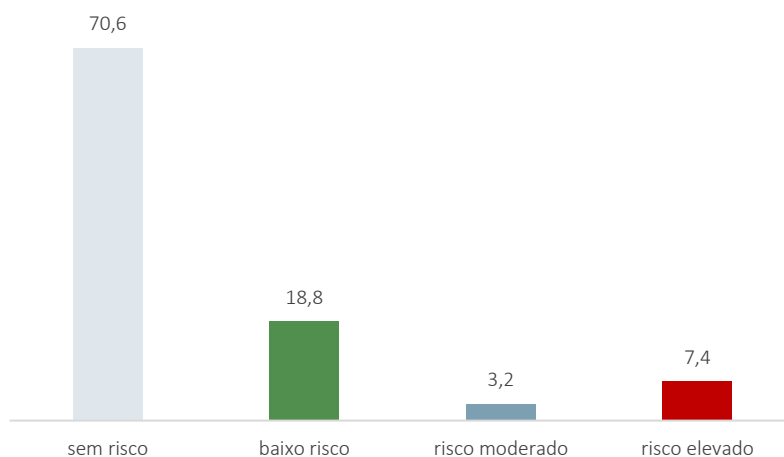
Figura 9. Escala de avaliação da dependência de canábis (CAST), entre os consumidores recentes de canábis (%). 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Distribuindo os alunos que consumiram canábis no ano anterior à inquirição pelas quatro tipologias de risco de dependência, verifica-se que, com base na pontuação atribuída às respostas às seis questões, a maior parte consumidores recentes não apresenta risco de dependência (71%), ainda que uma proporção não despreciable apresente um risco moderado (3%) ou elevado (7%) de dependência. Constatase, assim, com base no que afirmam os consumidores recentes de canábis, que, quando há risco de dependência, na maior parte dos casos este tende a ser baixo (Figura 10).

Figura 10. Nível de risco dependência de canábis (CAST), entre os consumidores recentes de canábis (%). 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, aumentou consideravelmente a percentagem de consumidores de cânabis cujo padrão de consumo não apresenta risco de dependência (+8pp.), ainda que tenha aumentado também a percentagem com um risco elevado (+3pp.). Por outro lado, se em 2019 a percentagem de consumidores em risco moderado e em risco elevado de dependência de cânabis era muito aproximada, em 2024 a percentagem que apresenta risco elevado é mais do dobro da proporção de consumidores com um risco moderado. Face à anterior edição do estudo, aumentou de forma relevante (+4pp.) a percentagem de consumidores de cânabis que foram aconselhados a parar ou a diminuir o consumo.

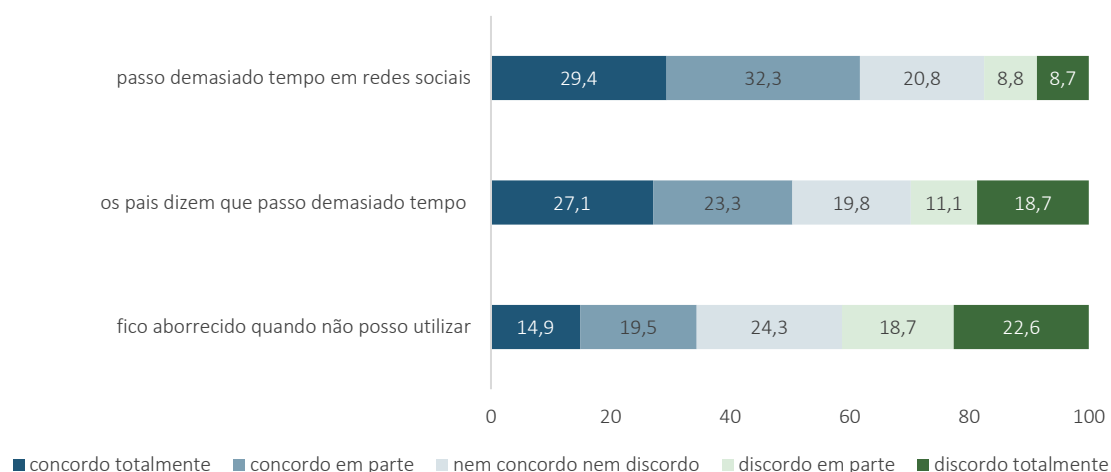
Redes sociais

O questionário dava espaço também à dimensão problemática dos comportamentos aditivos sem substância, incluindo as redes sociais digitais, o que se procurou aferir através de uma questão sobre a autoperceção de problemas relacionados com a participação neste tipo de aplicações. Em concreto era pedidos aos alunos que manifestassem o seu grau de concordância relativamente a três afirmações, de maneira a ser possível aferir, de alguma forma, a dimensão problemática associada à participação neste tipo de plataformas virtuais.

A maior parte dos alunos concorda – parcial ou totalmente – que o tempo passado *online* em redes sociais digitais é demasiado (62%), enquanto metade declara que os seus pais / educadores partilham essa opinião (50%). Já no que diz respeito a ficar aborrecido quando não é possível utilizar esse tipo de aplicações, é maior a proporção que acha que isso não se verifica (41%) do que a percentagem que concorda com tal afirmação (34%).

Assim, à semelhança do que se concluiu na anterior edição do estudo, a questão do tempo que é indevidamente passado *online* em redes sociais é algo que gera maior consenso, enquanto a frustração gerada por não poder utilizar este tipo de plataformas é algo que tende a dividir mais as opiniões (Figura 11).

23% dos utilizadores de redes sociais manifestaram a sua concordância relativamente às três afirmações, o que, de alguma forma, pode ser lido como a percentagem cuja utilização deste tipo de aplicações digitais está associada a uma maior dimensão problemática.

Figura 11. Perceções da utilização de Redes Sociais, entre utilizadores (%). 2024

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, aumentou ligeiramente a percentagem de alunos cuja participação em redes sociais digitais está associada a uma dimensão problemática (+2pp.). Entre 2019 e 2024, aumentou a proporção de utilizadores de redes sociais que admitem passar tempo demasiado nestas plataformas digitais (+4pp.), enquanto diminuiu a percentagem que declara que os pais também são dessa opinião (-1pp.), bem como que denota frustração por não poder passar tempo nas referidas plataformas (-2pp.).

Jogo eletrónico em geral

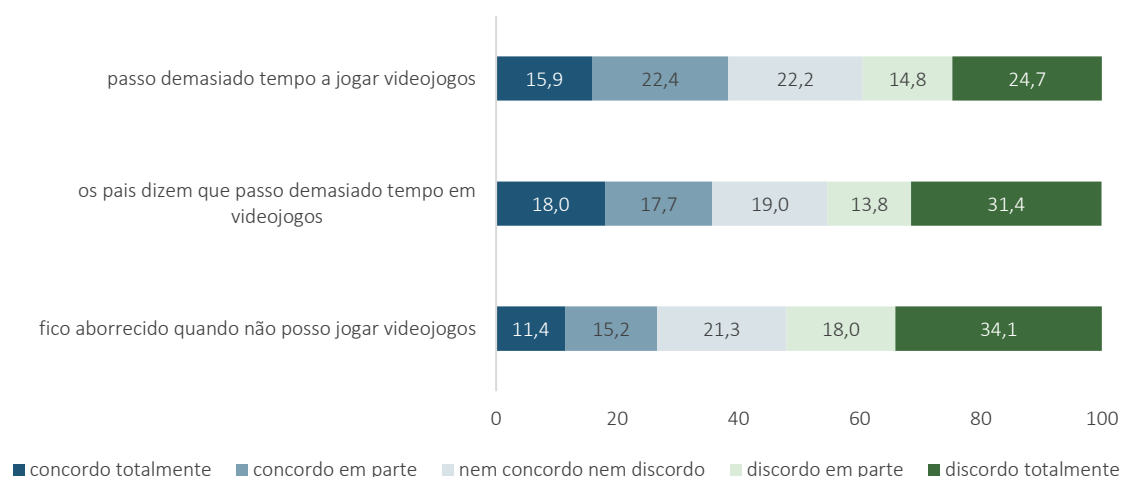
A mesma escala de três itens (Strizek *et al.*, 2020; Holstein *et al.*, 2014) utilizada para aferir a autoperceção de problemas relacionados com as redes sociais digitais foi aplicada ao jogo eletrónico. Ainda que menos do que as redes sociais, o videojogo é uma prática bastante expressiva nesta faixa etária, sendo que 63% dos alunos declararam ter passado tempo a jogar jogos eletrónicos na semana anterior à inquirição.

Ao contrário do que se verificou no caso das redes sociais, não há um consenso entre os jogadores em relação ao carácter excessivo do tempo passado a jogar videojogos: 38% concordam que passam demasiado tempo neste tipo de atividades, enquanto 39% discordam. Relativamente à opinião dos pais, os valores são menos equilibrados, mas ainda assim não particularmente discrepantes: 36% referem que

os pais / educadores partilham essa opinião, enquanto 45% declaram o contrário. Já no que se refere à frustração gerada por não poder passar tempo a jogar videojogos a tendência é clara, sendo muito maior a proporção que recusa que isso aconteça (52%) do que a percentagem que admite que tal se verifica (27%) (Figura 12).

Entre os alunos que nos sete dias anteriores à inquirição jogaram videojogos, cerca de um em cada cinco manifestou a sua concordância relativamente às três afirmações, sendo de 18% a percentagem de jogadores de videojogos cujo padrão de jogo eletrónico está associado a uma maior dimensão problemática.

Figura 12. Perceções da utilização de Jogo Eletrónico, entre utilizadores nos últimos sete dias (%). 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, não se alterou a percentagem de jogadores de videojogos cujo padrão de jogo está associado a uma dimensão problemática. Ainda assim, entre 2019 e 2024, diminuiu a proporção que discorda do carácter excessivo do tempo passado em jogo eletrónico (-4pp.), enquanto aumentou a percentagem que refere que os pais não são dessa opinião (+1pp.) e que não admite frustração por não poder jogar videojogos (+3pp.).

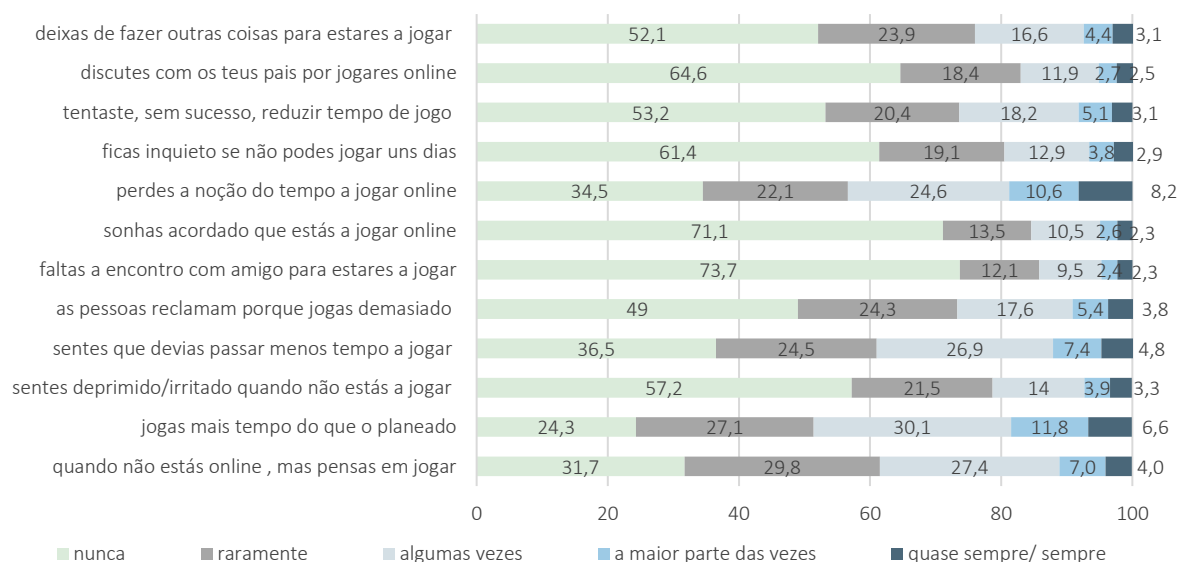
Jogo eletrónico online

Procurou-se aprofundar um pouco mais as consequências nocivas do jogo eletrónico que é jogado especificamente através da *Internet*, tendo sido incluída no questionário a versão abreviada¹⁰ de um teste desenvolvido para aferir a dimensão problemática do videojogo online, o *Problematic Online Gaming Questionnaire* (Pápay *et al.*, 2013), que permite uma distribuição dicotómica dos jogadores: problemáticos e não problemáticos.

Desta forma, foi pedido aos alunos que jogam videojogos online que indicassem com que frequência se verificou um conjunto de situações / problemas. Tal como se concluiu para o jogo eletrónico em geral, também os alunos que jogam jogos eletrónicos online contrariam mais do que confirmam a dimensão problemática deste tipo de jogos, na medida em que a maior parte dos jogadores declara que muitas das situações tendem a nunca ocorrer e, quando ocorrem, é sobretudo de uma forma esporádica.

Também neste caso é o carácter excessivo do tempo passado a jogar videojogos online que gera mais consenso: 76% concordam que jogam mais tempo do que o inicialmente planeado. Em sentido contrário, destaca-se faltar a um encontro com um amigo para ficar a jogar videojogos, situação que apenas 26% reconhece acontecer. Analisando a frequência com que ocorreram as diversas situações, verifica-se que estas tendem a ocorrer de uma forma muito pouco recorrente (Figura 13).

Figura 13. Escala de avaliação da dimensão problemático do jogo online (POGQ-SF), entre jogadores online (%) 2024

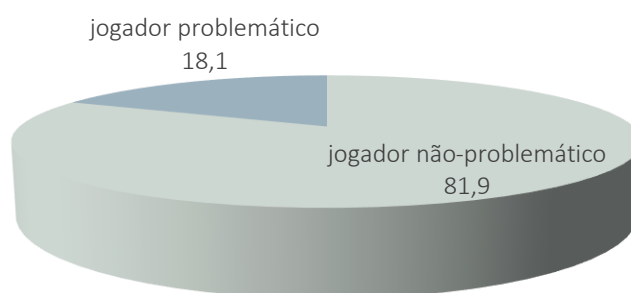


Fonte: ICAD/DIMC/UEI

¹⁰ A versão abreviada do teste é composta por 12 questões, ao invés das 18 questões do teste completo (Demetrovics *et al.*, 2012).

De acordo com os critérios do teste, tendo por base as respostas aos doze itens, constata-se que, entre os alunos que nos últimos sete dias jogaram jogos eletrónicos através da *Internet*, a grande maioria fá-lo com pouco ou nenhum risco, enquanto 18% podem ser considerados jogadores problemáticos (Figura 14) – a mesma percentagem obtida no que ao jogo eletrónico em geral diz respeito.

Figura 14. Avaliação de padrão de jogo *online* problemático, entre jogadores *online* (%) 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, também aqui não se alterou a proporção de jogadores de videojogos *online* que apresentam um padrão de jogo eletrónico que pode ser considerado problemático. Entre 2019 e 2024, a percentagem de jogadores *online* que indicaram já ter ocorrido as várias situações em causa diminuiu mais do que aumentou. O principal decréscimo é referente a perder a noção do tempo quando se está a jogar videojogos através da *Internet*, cuja percentagem de jogadores que declararam que tal já aconteceu sofreu uma descida de 15pp., enquanto faltar a um encontro por estar a jogar videojogos *online* se destaca em sentido contrário, ao aumentar 6pp.

Jogo a dinheiro

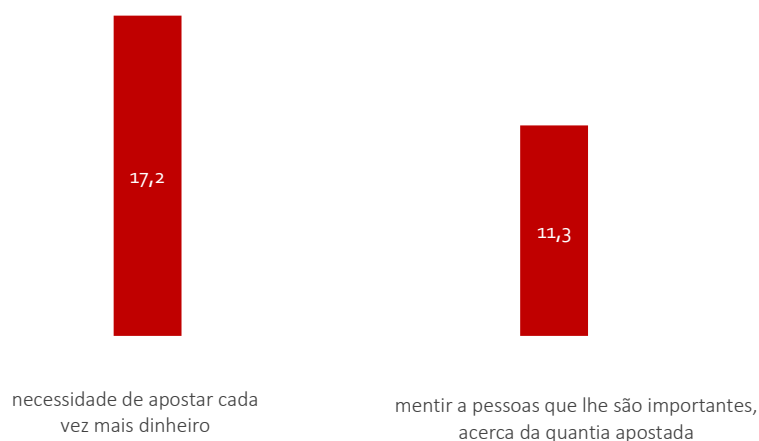
Por fim, procurou-se também avaliar a dimensão problemática do jogo a dinheiro, uma prática que, ao contrário das redes sociais digitais e do videojogo (*online* e/ou *offline*), não tem muita expressão nesta faixa etária, na medida em que os alunos que referem ter jogado a dinheiro nos últimos 12 meses constituem uma minoria (18%). Assim, de maneira a aferir, de alguma forma, a dimensão problemática

deste comportamento potencialmente aditivo entre os alunos, foram incluídas duas perguntas: uma sobre a necessidade de aumentar as quantias em jogo e outra sobre a experiência de ter mentido acerca do dinheiro apostado.

Uma proporção relevante dos alunos que referem ter jogado a dinheiro no último ano admite já ter sentido ao longo da vida a necessidade de apostar cada vez mais dinheiro (17%), sendo um pouco menor a percentagem que afirma já ter mentido alguma vez a pessoas que lhe são importantes acerca das quantias em jogo (11%) (Figura 15).

Cruzando as duas situações, verifica-se que a proporção de jogadores a dinheiro cujo padrão de jogo a dinheiro está associado a uma maior dimensão problemática é cerca de um em cinco (21%) (Figura 15).

Figura 15. Perceção de problemas associados ao jogo a dinheiro, entre jogadores recentes a dinheiro (%).
2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

2019 / 2024

Face ao estudo anterior, o jogo a dinheiro tornou-se uma prática mais prevalente (+5pp.) entre os alunos, mas com consequências menos nefastas. De facto, entre 2019 e 2024, diminuiu a percentagem de jogadores a dinheiro que revelam já ter sentido a necessidade de apostar quantias cada vez maiores (-3pp.), mas aumentou a percentagem que refere já ter mentido a pessoas importantes acerca das quantias apostadas (+1pp.).

PERFIL

Replicando a análise que foi feita na anterior edição do estudo, e por forma a identificar o perfil dos alunos cujos comportamentos mais se traduzem em riscos e consequências danosas, foram selecionados doze indicadores relativos a problemas / situações problemáticas. Seis deles são referentes a relações sexuais desprotegidas e a problemas com a polícia, duas situações problemáticas, que, como se viu atrás, estão particularmente associadas ao consumo de álcool e de drogas ilícitas e que teoricamente podem ter consequências bastante gravosas. Os outros seis indicadores aferem o uso problemático e o risco de dependência dos diferentes comportamentos potencialmente aditivos entre consumidores / utilizadores.

Os indicadores a serem cruzados com as variáveis de caracterização são:

1. Relações sexuais desprotegidas, entre inquiridos
2. Relações sexuais desprotegidas, entre consumidores recentes de álcool
3. Relações sexuais desprotegidas depois do consumo de drogas ilícitas, entre consumidores recentes de drogas ilícitas
4. Problemas com a polícia, entre consumidores recentes de álcool
5. Problemas com a polícia, entre consumidores recentes de drogas ilícitas
6. Problemas com a polícia depois do consumo de drogas ilícitas, entre consumidores recentes de drogas ilícitas
7. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool
8. Risco elevado de dependência de canábise¹¹, entre consumidores recentes
9. Carácter problemático da participação em redes sociais¹², entre utilizadores
10. Carácter problemático do jogo eletrónico em geral¹³, entre utilizadores
11. Carácter problemático do jogo eletrónico *online*¹⁴, entre jogadores de videojogos
12. Carácter problemático do jogo a dinheiro¹⁵, entre jogadores a dinheiro

¹¹ CAST

¹² Escala de Holstein *et al.*

¹³ Escala de Holstein *et al.*

¹⁴ POGQ-SF.

¹⁵ Necessidade de apostar cada vez mais dinheiro.

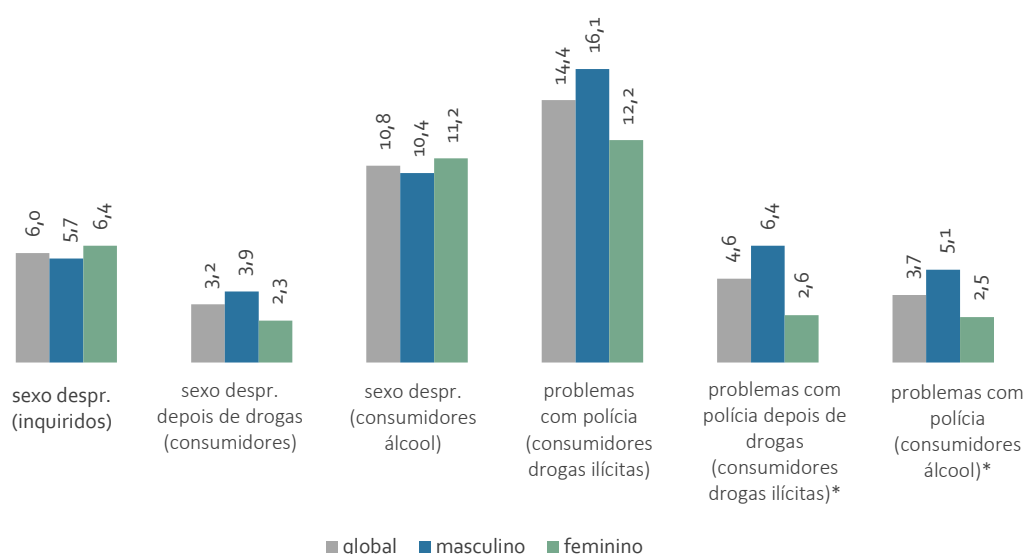
Sexo

Considerando o conjunto dos indicadores selecionados relativos à dimensão problemática, pode dizer-se que os alunos do sexo masculino tendem a registar prevalências mais elevadas do que os do sexo feminino. Há, contudo, quatro indicadores em que são as raparigas quem apresenta os valores mais elevados: sexo desprotegido entre o total de inquiridos, sexo desprotegido entre os consumidores recentes de álcool, carácter problemático da participação em redes sociais digitais e beber álcool habitualmente para esquecer problemas. A diferença é, contudo, menor no que respeita ao sexo desprotegido e mais acentuada no que se refere às redes sociais e aos motivos para ingerir bebidas alcoólicas.

À parte dessas quatro exceções, nos restantes oito indicadores, a prevalência é mais elevada entre os alunos do sexo masculino, sendo a diferença particularmente acentuada no que diz respeito aos problemas com a polícia (tanto entre consumidores de álcool, como de drogas ilícitas) e ao carácter problemático do jogo eletrónico (*online* e/ou *offline*) e do jogo a dinheiro, casos em que os valores registados entre os rapazes são cerca do dobro do registado pelas raparigas (Figuras 16, 17, 18 e 19).

No essencial, as tendências agora identificadas verificavam-se já no último estudo, ainda que se possa falar num pequeno acentuar das diferenças de género. Face a 2019, no conjunto dos indicadores selecionados, em seis deles a diferença entre os dois sexos aumentou, tendo diminuído em quatro indicadores e permanecido a mesma nos outros dois. Enquanto na anterior edição do estudo havia três indicadores em que os valores entre rapazes e raparigas eram muito aproximados, em 2024 tal não se verifica.

Figura 16. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por sexo (%). 2024



*Teste Exacto de Fisher significativo: consumidores drogas, depois de consumo (p-value=0.026) e consumidores de álcool (p-value<0.001)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 17. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por sexo (%). 2024

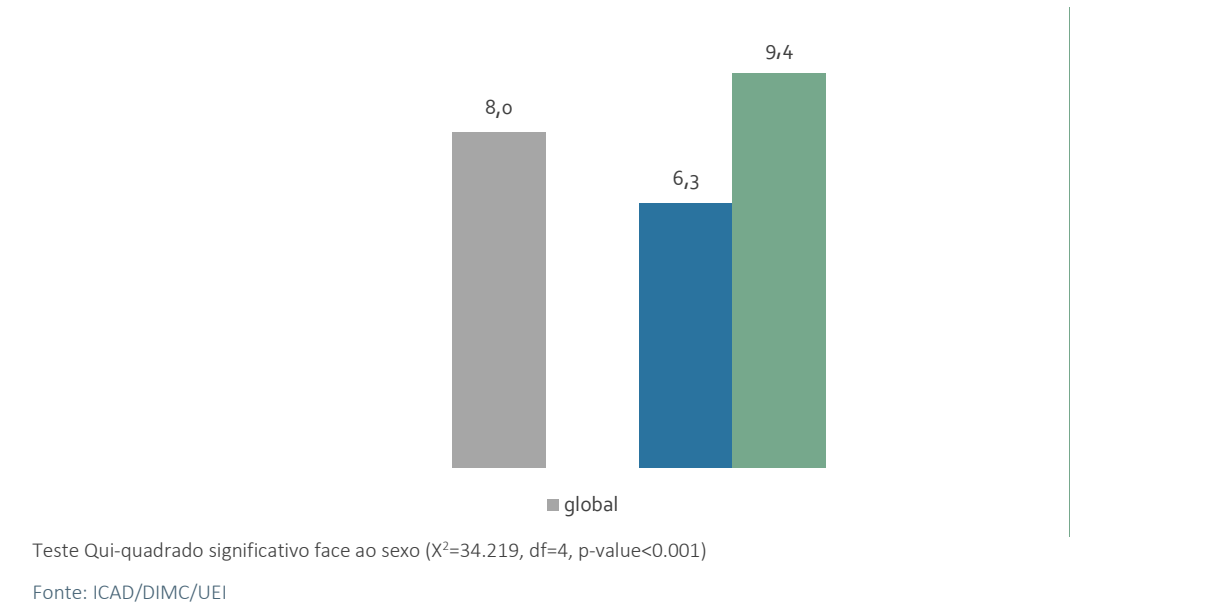


Figura 18. Risco elevado de dependência de canábis, entre consumidores recentes, por sexo (%). 2024

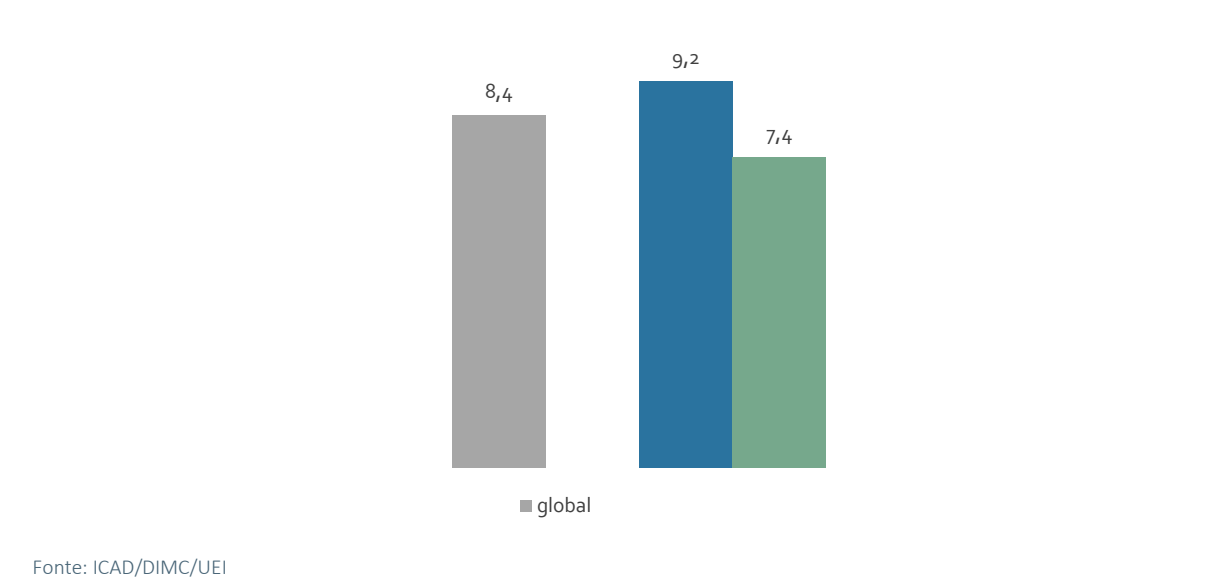
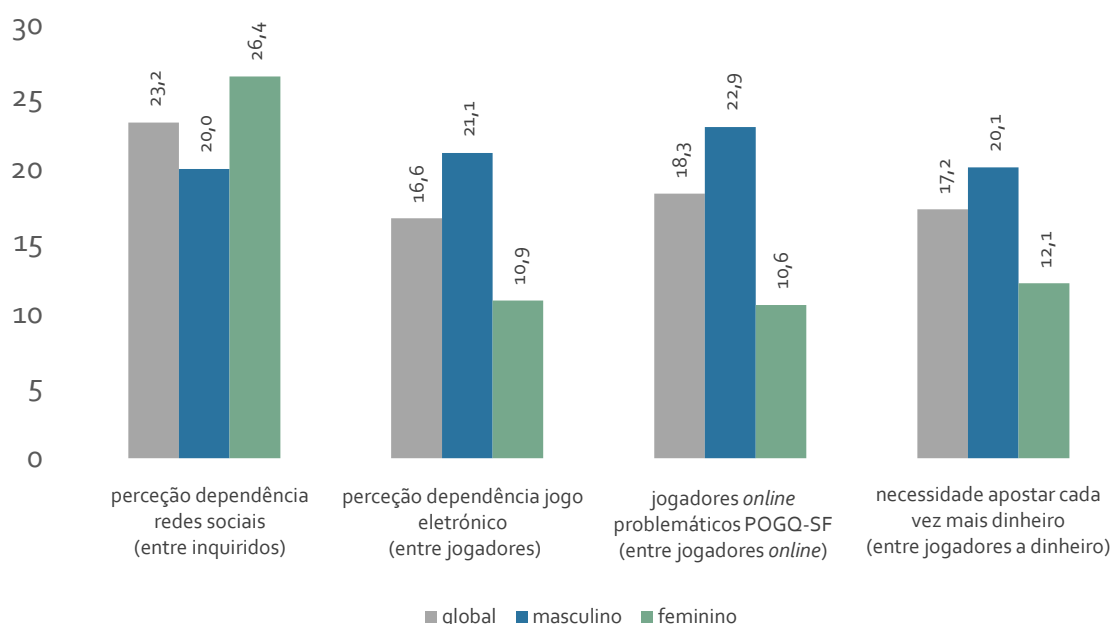


Figura 19. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por sexo (%). 2024



Teste Exacto de Fisher significativo face ao sexo: em todas as variáveis apresentadas no gráfico (p-value<0.001)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Idade

Tendo em conta os indicadores seleccionados, não é possível identificar um perfil de idade claramente mais propenso a problemas. De facto, o grupo etário dos alunos mais novos (13-15 anos) destaca-se pelas maiores prevalências em cinco indicadores, enquanto os mais velhos (16-18 anos) se destacam noutros cinco, sendo que nos restantes indicadores não se verificam diferenças relevantes em função da idade. No entanto, a diferença entre os dois grupos etários tende a ser mais elevada nos casos em que os alunos mais velhos se destacam pelos valores mais altos, sendo as prevalências mais aproximadas no que se refere aos indicadores em que os alunos mais novos registam, ainda assim, os valores mais elevados.

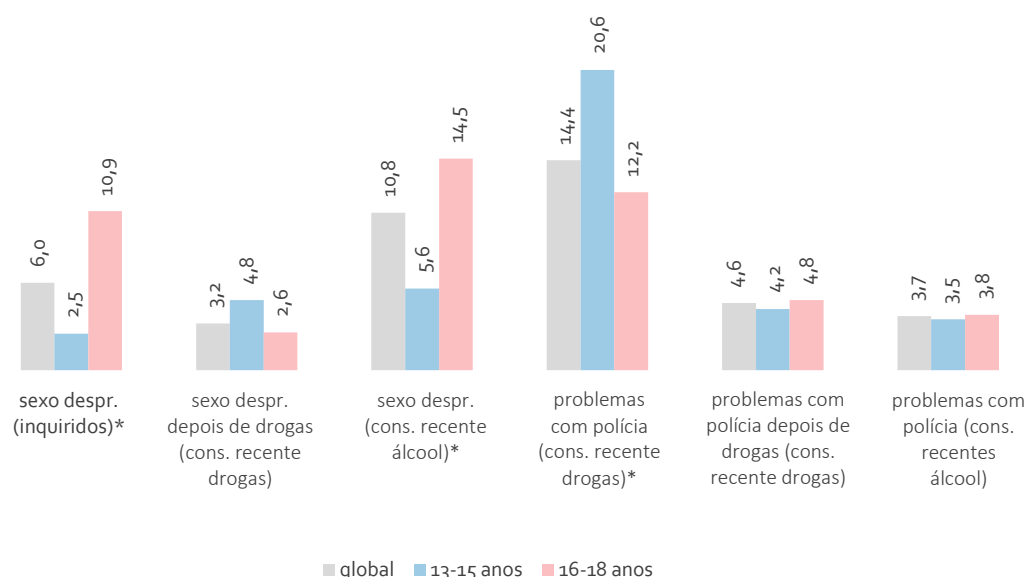
Em comparação com os alunos mais novos, os de 16-18 anos declaram ter tido mais relações sexuais desprotegidas (exceto no que diz respeito à prevalência desta situação entre consumidores de álcool) e ingerir bebidas alcoólicas mais frequentemente para esquecer problemas, bem como também se destacam por um risco mais elevado de dependência de canábis e ter já sentido necessidade de apostar cada vez maiores quantias. A diferença é mais acentuada no que diz respeito às relações sexuais desprotegidas (considerando o total de inquiridos) e ao risco de dependência de canábis (entre consumidores recentes), casos em que os alunos mais velhos registam valores quatro e seis vezes superiores, respetivamente, aos registados entre os alunos mais novos.

Por seu lado, é na faixa etária dos 13-15 anos que se encontra a maior percentagem de consumidores recentes de drogas ilícitas que declaram ter tido sexo desprotegido depois de um episódio de consumo e também mais problemas com a polícia. É também entre os alunos mais novos que a dimensão problemática da participação em redes sociais e do videojogo (*online e/ou offline*) é maior. A diferença é mais acentuada no que se refere aos problemas com a polícia entre consumidores de drogas ilícitas, caso em que percentagem registada entre os alunos mais novos é oito pontos percentuais mais elevada do que a registada entre os mais velhos.

Não se verificam diferenças relevantes entre os dois grupos etários no que diz respeito a problemas com a polícia entre consumidores recentes de álcool e também entre consumidores de drogas ilícitas depois de um episódio de consumo (Figuras 20, 21, 22 e 23).

No essencial, as tendências agora identificadas verificavam-se já no último estudo, com uma única exceção: o risco de dependência de canábis. Enquanto em 2019 a maior percentagem de consumidores que apresentavam um risco elevado de canábis se encontrava entre os alunos mais novos, em 2024 é claramente nos alunos mais velhos que o risco de dependência de canábis é maior. Face ao último estudo pode falar-se num acentuar das diferenças entre os dois grupos etários, sendo que, no conjunto dos indicadores seleccionados, a diferença aumentou mais do que se esbateu.

Figura 20. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por idade (%). 2024



*Teste Exacto de Fisher significativo face aos grupos etários 13-15 anos e 16-18 anos:

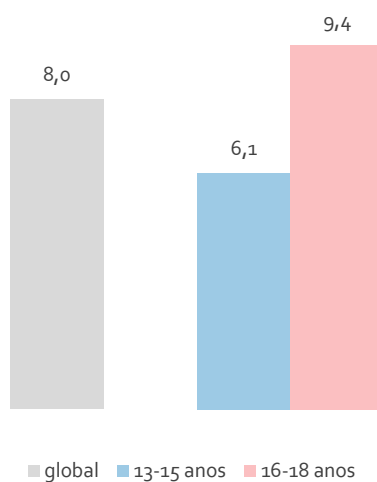
sexo desprotegido (entre inquiridos) (p-value<0.001)

sexo desprotegido (cons. recente álcool) (p-value<0.001)

problemas com polícia (cons. recentes drogas) (p-value=0.010)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

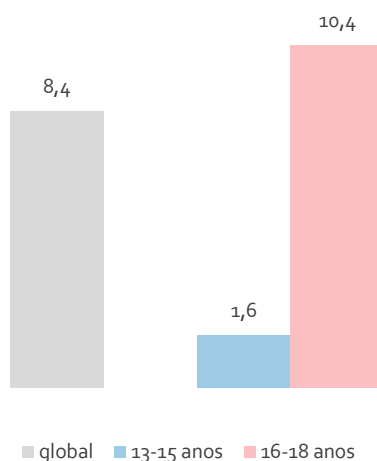
Figura 21. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por idade(%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face aos grupos etários 13-15 anos e 16-18 anos: ($X^2=87.528$, $gl=4$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

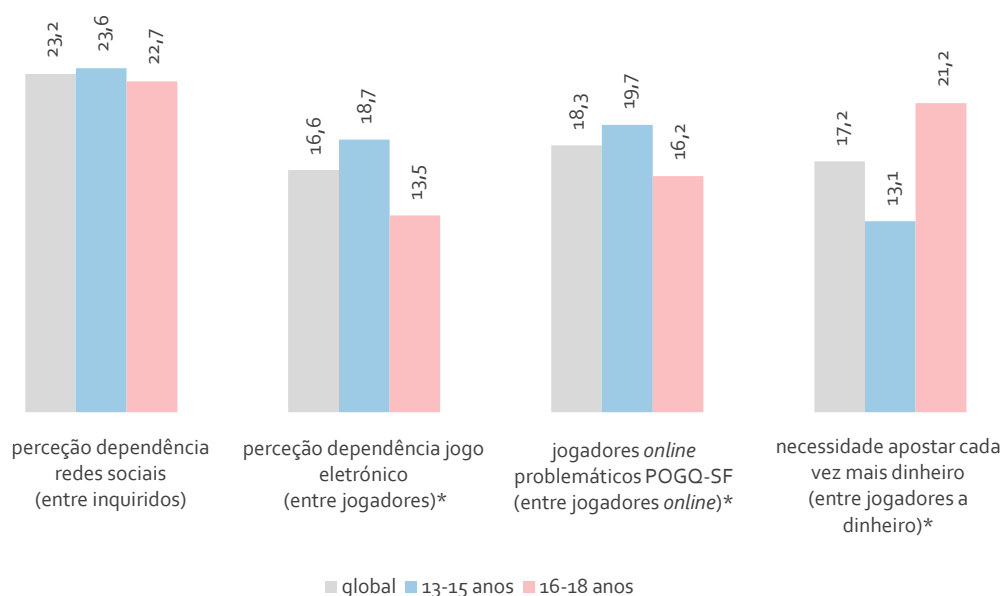
Figura 22. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por idade (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face aos grupos etários 13-15 anos e 16-18 anos: ($X^2=12.516$, $df=3$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 23. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre utilizadores e jogadores, por idade (%). 2024



* Teste Exacto de Fisher significativo face aos grupos etários 13-15 anos e 16-18 anos:
perceção dependência jogo eletrónico (entre jogadores) (p-value<0.001)
jogadores *online* problemáticos POGQ-SF (entre jogadores *online*) (p-value<0.001)
necessidade apostar cada vez mais dinheiro (entre jogadores a dinheiro) (p-value<0.001)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Região

A dimensão problemática varia de forma considerável no plano regional, sendo que o Alentejo se destaca como a região com os valores mais elevados em boa parte dos indicadores (cinco), seguindo-se a Região Autónoma dos Açores (destaque em três), Centro e Lisboa (ambas as regiões com as prevalências mais elevadas em dois indicadores). Tal quer dizer, portanto, que há três regiões que, considerando os indicadores selecionados, nunca registam os valores mais elevados: Norte, Algarve e Região Autónoma da Madeira. Norte e Algarve são as regiões que mais vezes se destacam em sentido contrário, registando os valores mais baixos em cinco e três indicadores, respetivamente, enquanto o Centro é a região que mais vezes regista valores próximos do total nacional (Tabela 2).

Face ao estudo anterior, o panorama alterou-se de forma substancial, nomeadamente no que concerne a Lisboa, região que em 2019 se destacava no cômputo geral pelas maiores prevalências, mas que hoje já não o faz, apesar de registar valores tendencialmente acima do total nacional. Por outro lado, na anterior edição do estudo, Centro e Norte destacavam-se em sentido contrário, enquanto hoje isso só se verifica no que se refere ao Norte, pois a região Centro já não apresenta as menores prevalências no conjunto dos doze indicadores selecionados.

Tabela 2. Problemas ou situações problemáticas, por região (NUTS II – 2013) (%). 2024

Indicador		Total	Região						
			Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira
Situações problemáticas nos últimos 12M	Relações sexuais desprotegidas, <u>entre inquiridos</u>	6,0	3,8	6,4	8,3	8,9	6,2	5,0	4,6
	Relações sexuais desprotegidas, <u>entre consumidores recentes de álcool</u>	10,8	6,9	11,2	15,1	13,6	9,7	10,8	9,3
	Relações sexuais desprotegidas <i>depois do consumo de drogas ilícitas</i> , <u>entre consumidores recentes</u>	3,2	2,3	3,4	3,1	4,9	0,1	8,7	2,0
	Problemas com a polícia , <u>entre consumidores recentes de drogas ilícitas</u>	14,4	10,2	14,9	14,2	25,0	2,2	12,5	18,0
	Problemas com a polícia <i>depois do consumo de drogas ilícitas</i> , <u>entre consumidores recentes</u>	4,6	1,6	9,8	1,9	7,4	0,1	4,2	4,0
	Problemas com a polícia , <u>entre consumidores recentes de álcool</u>	3,7	2,1	4,2	4,3	5,2	3,7	2,1	4,4
Álcool	Beber frequentemente para esquecer problemas , <u>entre consumidores recentes de álcool</u>	8,0	5,6	8,4	8,6	11,8	10,5	5,8	7,8
Canábis	Risco elevado de dependência de canábis, <u>entre consumidores recentes</u>	8,4	2,9	11,8	9,2	5,4	3,8	7,7	6,8
CAD sem substância	Carácter problemático da participação em redes sociais digitais , <u>entre utilizadores</u>	23,2	24,7	20,7	22,3	28,4	22,4	22,7	22,8
	Carácter problemático do jogo eletrónico em geral , <u>entre jogadores</u>	16,6	17,6	14,7	16,9	14,8	16,2	19,8	18,1
	Carácter problemático do jogo eletrónico online , <u>entre jogadores</u>	18,3	19,8	17,0	16,8	16,6	22,1	23,3	18,2
	Carácter problemático do jogo a dinheiro , <u>entre jogadores</u>	17,2	14,0	17,8	21,6	17,4	12,3	8,6	20,0

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

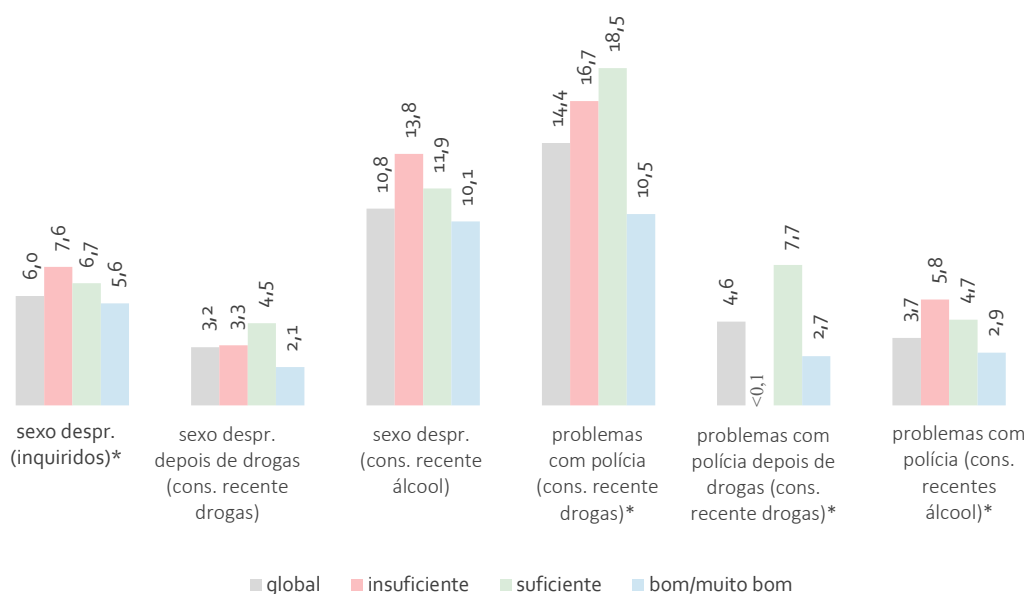
Rendimento Escolar

Tendo em conta o nível de rendimento escolar declarado, verifica-se que, na grande maioria dos indicadores considerados (nove em doze), os alunos com menor aproveitamento registam os valores mais elevados, sendo a diferença mais acentuada no que se refere à percentagem de consumidores recentes de canábis em risco elevado de dependência. Por seu lado, os alunos com um rendimento suficiente são aqueles que registam as maiores prevalências no que concerne a sexo desprotegido depois de um episódio de consumo de drogas ilícitas e a problemas com a polícia (entre consumidores de drogas ilícitas, independentemente de tal ter acontecido depois de um episódio de consumo ou não), ainda que a diferença não seja particularmente acentuada.

Em sentido contrário, seja qual for o indicador em causa, os alunos com um aproveitamento escolar de nível bom / muito bom destacam-se pelas menores prevalências, com exceção de problemas com a polícia depois de um episódio de consumo de drogas ilícitas. Assim sendo, pode dizer-se que, considerando os doze indicadores, a regra é a dimensão problemática aumentar à medida que diminui o rendimento escolar (Figuras 24, 25, 26 e 27).

Em 2019 já se verificava que os respondentes com menor aproveitamento escolar são aqueles que tendem a experienciar mais problemas / situações problemáticas. No entanto, o panorama alterou-se de forma considerável. Para começar, os alunos com pior aproveitamento destacam-se hoje pelas maiores prevalências em nove indicadores, enquanto em 2019 se destacavam em onze indicadores. Por outro lado, os alunos com um rendimento escolar de nível intermédio, que agora se destacam em três indicadores, não registavam em 2019 os valores mais elevados em nenhum dos doze indicadores. Por fim, enquanto, no último estudo, a percentagem de consumidores recentes de canábis em risco elevado de dependência pouco variava em função do rendimento escolar, hoje é claramente maior entre os alunos com pior rendimento.

Figura 24. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por rendimento escolar (%). 2024



*Teste Qui-quadrado significativo face ao rendimento escolar:

sexo desprotegido (inquiridos) ($X^2=6.678$, $gl=2$ p-value=0.035)

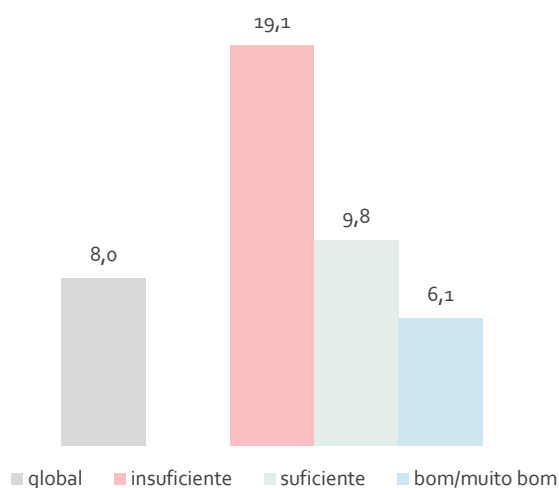
problemas com polícia (cons. recente drogas) ($X^2=8.203$, $df=2$, p-value=0.017)

problemas com polícia depois de drogas (cons. recente drogas) ($X^2=10.048$, $df=2$, p-value=0.007)

problemas com polícia (cons. recentes álcool) ($X^2=12.975$, $df=2$, p-value=0.002)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

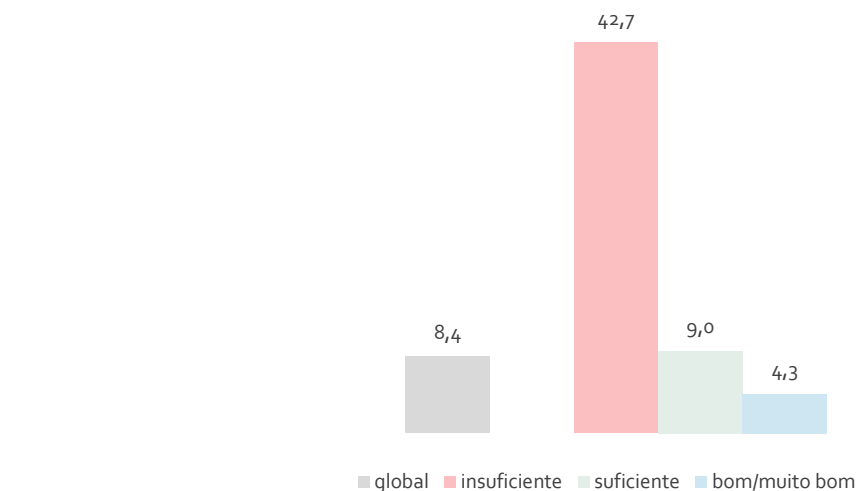
Figura 25. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por rendimento escolar (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face ao rendimento escolar ($X^2=83.399$, $df=8$, p-value<0.001)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

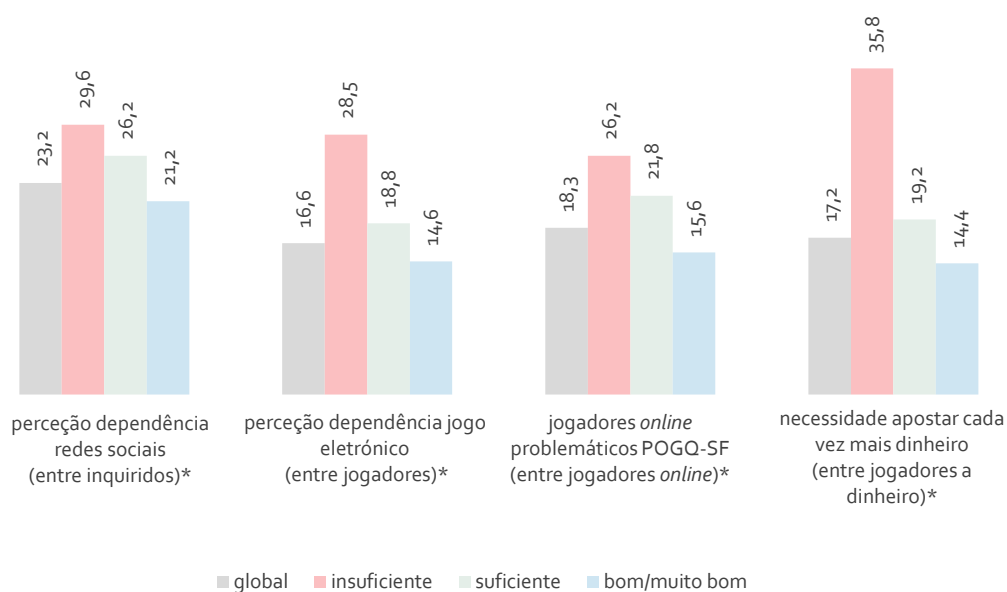
Figura 26. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por rendimento escolar (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face ao rendimento escolar ($\chi^2=63.371$, $df=6$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 27. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por rendimento escolar (%). 2024



*Teste Qui-quadrado significativo face ao rendimento escolar:

perceção dependência redes sociais (entre inquiridos) ($\chi^2=41.433$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

perceção dependência jogo eletrónico (entre jogadores) ($\chi^2=46.874$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

jogadores online problemáticos POGQ-SF (entre jogadores online) ($\chi^2=49.422$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

necessidade apostar cada vez mais dinheiro (entre jogadores a dinheiro) ($\chi^2=24.413$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

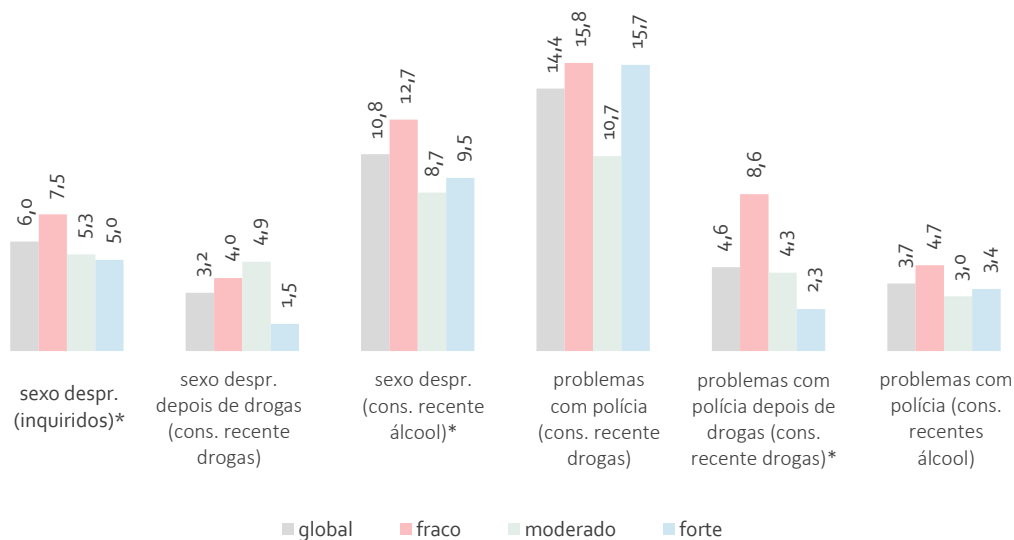
Controlo Parental

Os alunos que declaram que os seus pais / educadores exercem um fraco controlo parental são aqueles que registam as maiores prevalências na maioria dos indicadores (sete em doze), ainda que num deles – consumidores de drogas que no último ano tiveram problemas com a polícia – os valores sejam muito aproximados entre os alunos sujeitos a um forte e a um fraco controlo parental. Tal como no caso do rendimento escolar, é no que concerne à percentagem de consumidores recentes de canábis em risco elevado de dependência que a diferença é mais acentuada. Em contrapartida, em nenhum dos indicadores relativos à dimensão problemática dos comportamentos aditivos sem substância estar sujeito a um fraco controlo parental se assume como um fator preponderante.

Os alunos que declaram que os seus pais / educadores exercem um forte controlo parental registam as maiores prevalências no que diz respeito ao carácter problemático da participação em redes sociais digitais e ao videojogo em geral, enquanto aqueles que declaram estar sujeitos a um controlo parental de nível intermédio registam os valores mais elevados no que concerne a sexo desprotegido entre consumidores de drogas ilícitas, à percentagem de jogadores problemáticos de videojogos *online* e ao carácter problemático do jogo a dinheiro, ainda que a diferença tenda a ser pouco acentuada (Figuras 28, 29, 30 e 31).

Face ao último estudo, o panorama alterou-se de forma considerável. Se em 2019 se podia dizer que não existia uma clara ligação entre o controlo parental e a prevalência de problemas / situações problemáticas, hoje não é bem assim, sendo que se pode dizer que os alunos sujeitos a um menor controlo parental experienciam mais problemas / situações problemáticas, exceto no que diz respeito aos comportamentos aditivos sem substância. Por outro lado, enquanto em 2019 havia vários indicadores em que os valores eram muito aproximados, independentemente do nível de controlo parental, hoje a diferença nas prevalências tende a ser mais acentuada, nomeadamente no que se refere a beber álcool para esquecer problemas ou à percentagem de consumidores de canábis em risco elevado de dependência.

Figura 28. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por nível de controlo parental (%). 2024



*Teste Qui-quadrado significativo face ao controlo parental:

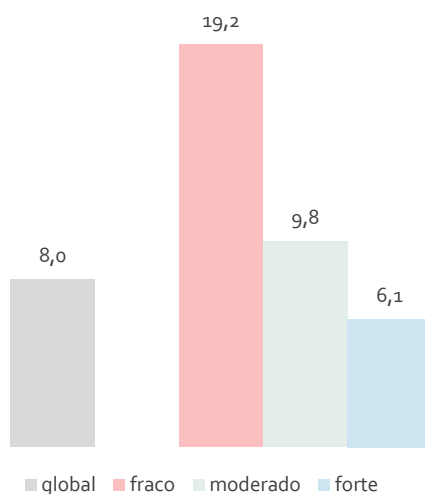
sexo desprotegido (inquiridos) ($\chi^2=17.173$, $df=2$, $p\text{-value}=0.001$)

sexo desprotegido (cons. recente álcool) ($\chi^2=9.363$, $df=2$, $p\text{-value}=0.009$)

problemas com polícia depois de drogas (cons. recente drogas) ($\chi^2=7.356$, $df=2$, $p\text{-value}=0.025$)

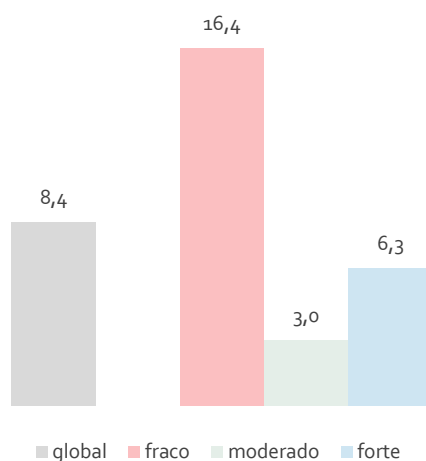
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 29. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por nível de controlo parental (%). 2024



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

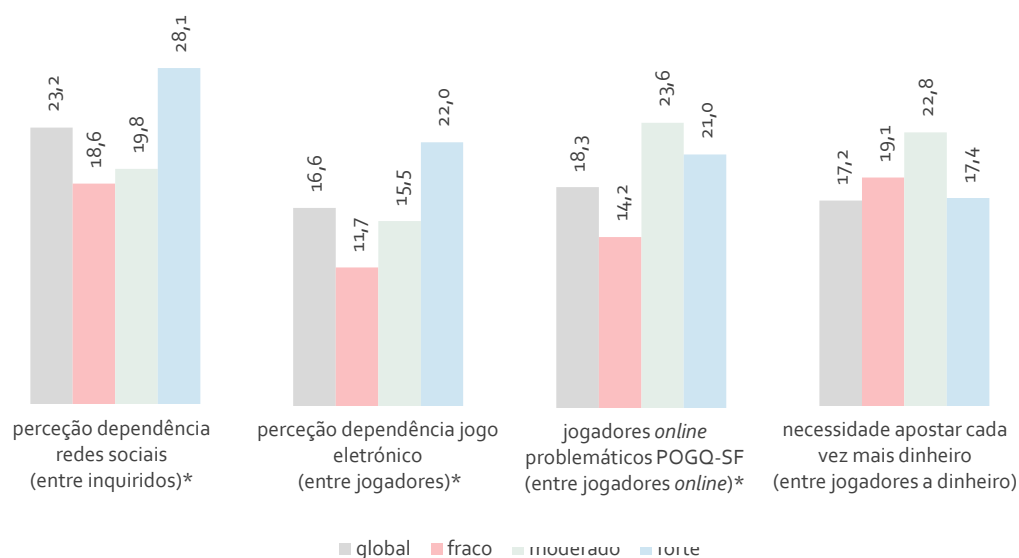
Figura 30. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por nível de controlo parental (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face ao controlo parental ($X^2=20.219$, $df=6$, $p\text{-value}=0.003$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 31. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por nível de controlo parental (%). 2024



*Teste Qui-quadrado significativo face ao controlo parental:

percepção dependência redes sociais (entre inquiridos) ($X^2=80.996$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

percepção dependência jogo eletrónico (entre jogadores) ($X^2=84.071$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

jogadores online problemáticos POGQ-SF (entre jogadores online) ($X^2=39.110$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Saídas à Noite

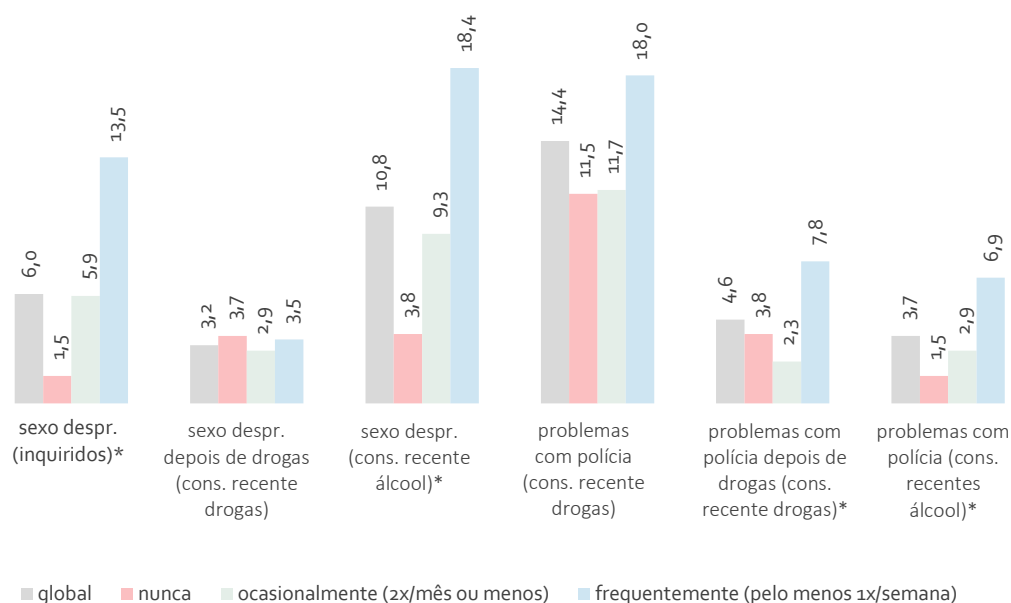
Considerando a frequência com que os inquiridos declaram sair à noite, a tendência é clara: os alunos com hábitos mais assíduos de diversão noturna são aqueles mais propensos a problemas e a envolver-se em situações problemáticas, registando os valores elevados na maior parte dos indicadores considerados (nove em doze). A diferença face a quem sai à noite menos assiduamente ou que não sai de todo tende a ser bastante acentuada, sobretudo no que diz respeito a sexo desprotegido (entre o total dos inquiridos e os consumidores de álcool), beber álcool para esquecer problemas e carácter problemático do jogo a dinheiro.

Há, contudo, dois indicadores em que são os alunos que declaram nunca sair à noite quem regista as maiores prevalências: carácter problemático do jogo eletrónico (*online* e/ou *offline*) e, sobretudo, percentagem de consumidores de canábis em risco elevado de dependência, caso em que quem nunca sai à noite regista valores cinco vezes mais elevados do que aqueles que declaram sair apenas ocasionalmente.

Não se pode dizer que, quanto menor é a frequência com que os alunos saem à noite menos são os problemas em que se envolvem, pois tal só se verifica em cinco de doze indicadores, sendo que em outros cinco são os alunos que saem à noite ocasionalmente que registam os menores valores (Figuras 32, 33, 34 e 35).

Face ao estudo anterior, no que concerne à dimensão problemática em função do hábito de sair à noite, mantêm-se as principais tendências. No entanto, verificam-se algumas diferenças: enquanto em 2019 os alunos com hábitos de saída à noite mais assiduamente registavam os valores mais elevados qualquer que fosse o indicador analisado, em 2024 há três indicadores em que tal não se passa, nomeadamente no que se refere ao risco de dependência, que tende a ser muito mais elevado hoje entre os consumidores recentes de canábis que declaram nunca sair à noite.

Figura 32. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por frequência de saída à noite (%). 2024



*Teste Qui-quadrado significativo face a hábitos de saídas à noite:

sexo desprotegido (inquiridos) ($X^2=269.536$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

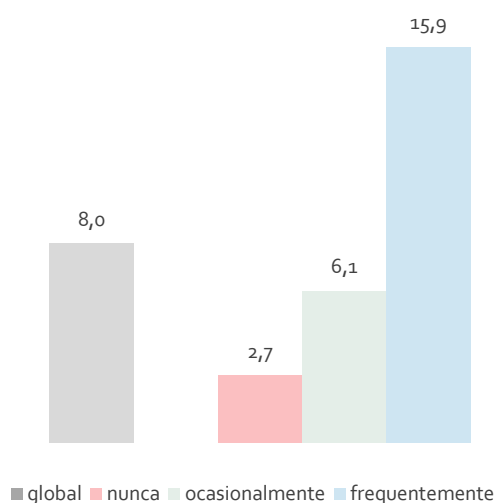
sexo desprotegido (cons. recente álcool) ($X^2=108.453$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

problemas com polícia depois de drogas (cons. recente drogas) ($X^2=10.558$, $df=2$, $p\text{-value}=0.005$)

problemas com polícia (cons. recentes álcool) ($X^2=49.312$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

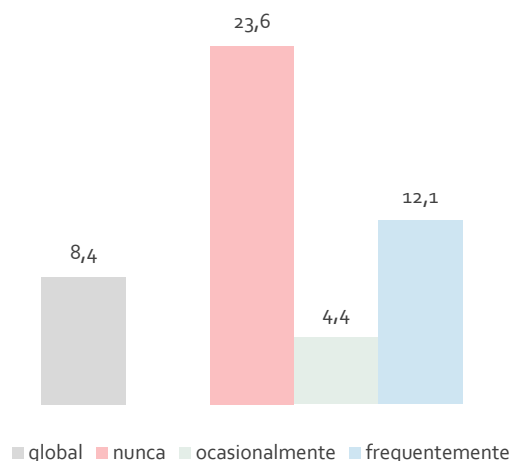
Figura 33. Beber frequentemente para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por frequência de saída à noite (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face a hábitos de saídas à noite ($X^2=245.774$, $df=8$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

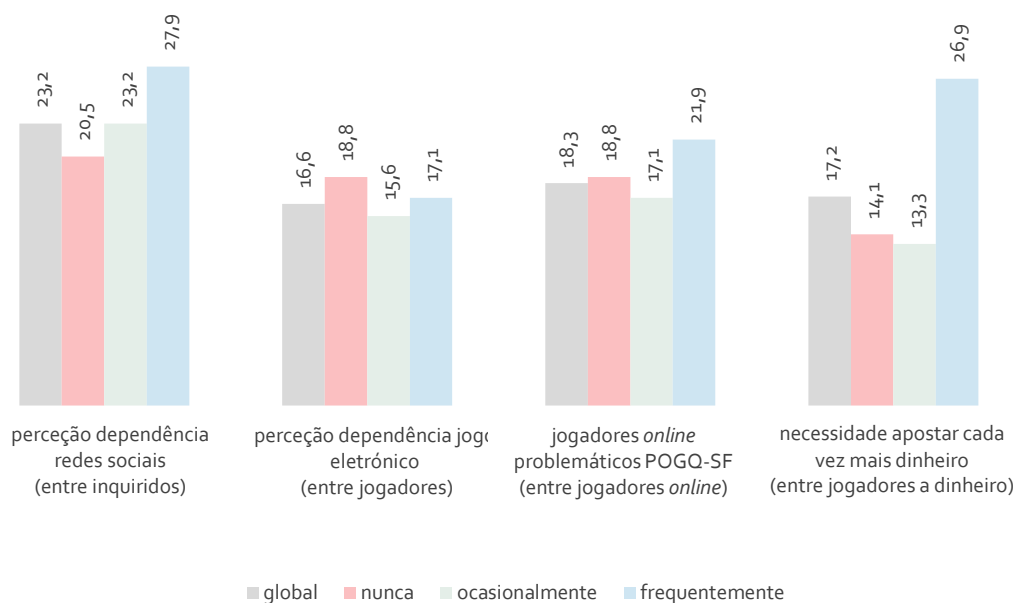
Figura 34. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por frequência de saída à noite (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face a hábitos de saídas à noite ($\chi^2=22.769$, $df=6$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 35. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por frequência de saída à noite (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face a hábitos de saídas à noite:

percepção dependência redes sociais (entre inquiridos) ($\chi^2=32.793$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

percepção dependência jogo eletrónico (entre jogadores) ($\chi^2=12.053$, $df=2$, $p\text{-value}=0.002$)

jogadores online problemáticos POGQ-SF (entre jogadores online) ($\chi^2=14.342$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

necessidade apostar cada vez mais dinheiro (entre jogadores a dinheiro) ($\chi^2=48.370$, $df=2$, $p\text{-value}<0.001$)

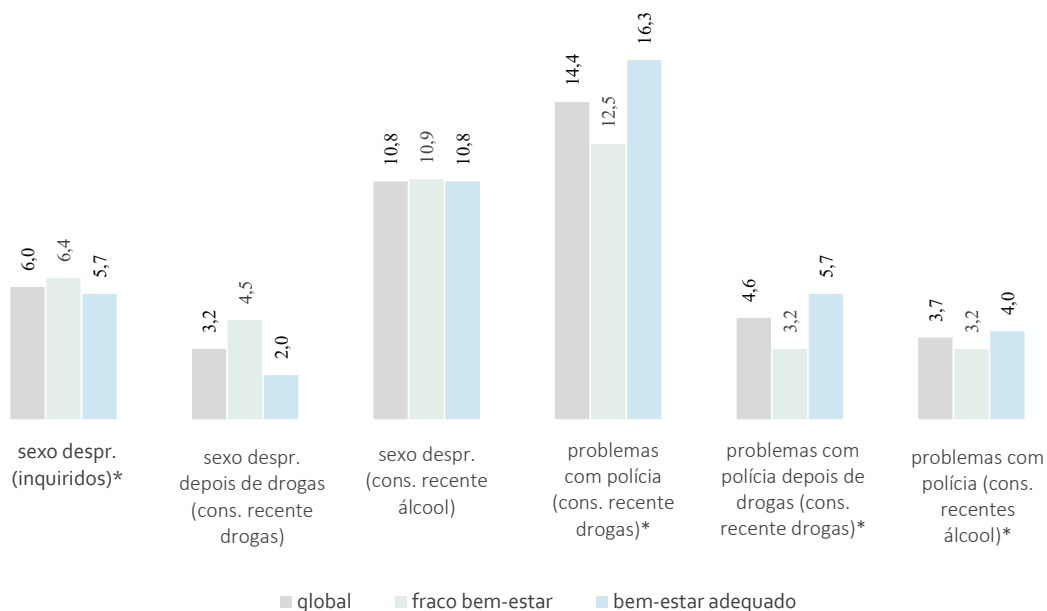
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Bem-Estar

Os alunos com um fraco nível de bem-estar físico e emocional apresentam os valores mais elevados na maior parte dos indicadores considerados (oito em doze), enquanto os alunos com um nível adequado de bem-estar registam os valores mais elevados em três deles (todos relacionados com problemas com a polícia). A diferença é mais acentuada no que se refere a sexo desprotegido entre consumidores de drogas e percentagem de consumidores de álcool que bebem frequentemente para esquecer problemas, casos em que os alunos com um fraco bem-estar apresentam valores mais de duas vezes superiores aos alunos com um adequado bem-estar físico e emocional. Em sentido contrário, é no que se refere aos problemas com a polícia entre consumidores de drogas ilícitas que os alunos com um adequado bem-estar mais se destacam, com valores quase duas vezes mais elevados do que os alunos com um fraco bem-estar físico e emocional (Figuras 36, 37, 38 e 39).

Sendo a primeira vez que a questão acerca do bem-estar é colocada aos alunos, não é possível comparar os resultados agora obtidos com a anterior edição do estudo.

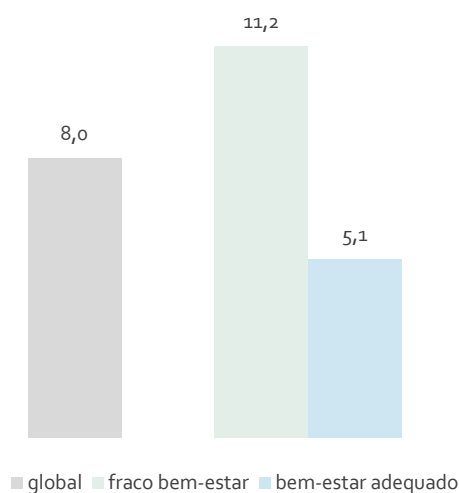
Figura 36. Situações problemáticas nos últimos 12 meses, por nível de bem-estar físico e emocional (%).
2024



Teste Exato de Fisher face à escala de bem-estar: não significativo em qualquer uma das situações enunciadas no gráfico

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

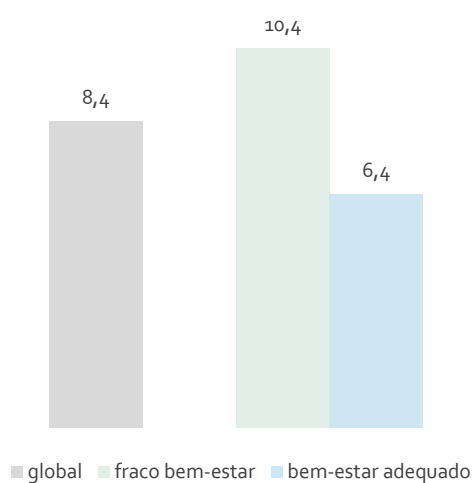
Figura 37. Beber frequentemente/sempr para esquecer problemas, entre consumidores recentes de álcool, por nível de bem-estar físico e emocional (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face à escala de bem-estar ($X^2=100.142$, $df=4$, $p\text{-value}<0.001$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

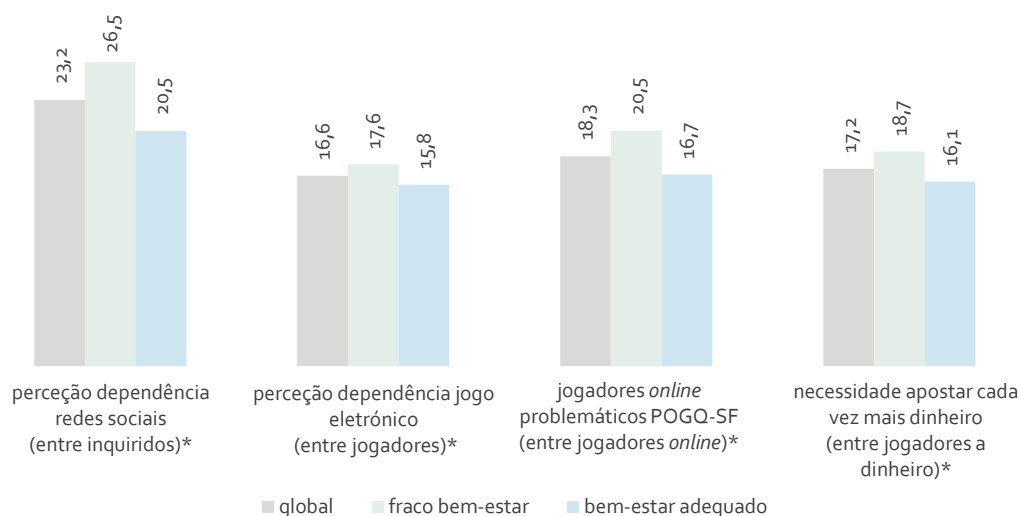
Figura 38. Risco elevado de dependência de canábis (CAST), entre consumidores recentes, por nível de bem-estar físico e emocional (%). 2024



Teste Qui-quadrado significativo face à escala de bem-estar ($X^2=7.460$, $df=3$, $p\text{-value}=0.059$)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 39. Dimensão problemática de comportamentos aditivos sem substância, entre inquiridos e entre jogadores, por nível de bem-estar físico e emocional (%). 2024



*Teste Exato de Fisher significativo face à escala de bem-estar:

perceção dependência redes sociais (entre inquiridos) (p-value<0.001)

perceção dependência jogo eletrónico (entre jogadores) (p-value=0.034)

jogadores *online* problemáticos POGQ-SF (entre jogadores *online*) (p-value<0.001)

Teste Exato de Fisher não significativo face à escala de bem-estar: necessidade apostar cada vez mais dinheiro (entre jogadores a dinheiro)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Em suma

Tendo em conta o conjunto dos indicadores selecionados, pode dizer-se que os alunos cujos comportamentos tendem a estar mais associados a uma dimensão problemática encaixam num perfil específico: jovem do sexo masculino, residente no Alentejo, com um rendimento escolar insuficiente, sujeito a um fraco controlo parental, com um fraco bem-estar e com hábitos de saída à noite numa base semanal ou ainda mais assiduamente. A idade é, portanto, a única variável para a qual não se verifica uma associação estatisticamente significativa com os indicadores de problemas e risco de dependência.

Em traços gerais, este já era o perfil identificado na anterior edição do estudo, exceto no que diz respeito à região, ao controlo parental – em 2019 os valores variavam pouco em função desta variável – e ao bem-estar – em 2019 não era colocada esta questão.

DISCUSSÃO

À semelhança do relatório nacional do estudo (Lavado & Calado, 2025a), que evidencia uma descida do consumo das principais substâncias psicoativas (álcool, tabaco e cânabís) por parte dos alunos do ensino público com idades entre 13 e os 18 anos, também os resultados do presente relatório apontam para uma redução do seu envolvimento em problemas / situações problemáticas, independentemente de serem mais ou menos graves. Em comparação com a anterior edição do estudo, cuja recolha de dados decorreu em 2019, verifica-se uma diminuição consistente da proporção de alunos que referem ter experienciado no último ano qualquer uma das doze situações elencadas, em especial aquelas relacionadas com comportamentos sexuais de risco e conduta violenta.

Este decréscimo dos comportamentos de risco e problemáticos acontece num contexto marcado por sinais de mudança social, sobretudo no que se refere aos estilos de vida, sociabilidade e parentalidade. Se a caracterização sociodemográfica da amostra (sexo, idade e região) pouco se modificou entre o anterior e o presente estudo, o mesmo não pode ser dito acerca de outras variáveis em análise, que registam alterações relevantes: em comparação com a realidade de 2019, os alunos do ensino público saem hoje menos à noite e declaram ter um melhor rendimento escolar, o que, de acordo com o que se concluiu no relatório anterior (Calado & Lavado, 2021), são fatores protetores do envolvimento em problemas / situações problemáticas. Por outro lado, os alunos têm hoje a perceção de um controlo parental mais apertado, uma variável que em 2019 não parecia exercer influência na propensão para o envolvimento em situações problemáticas, mas que agora se revela um fator importante. Acresce ainda que, pela primeira vez, foi avaliado o bem-estar físico e emocional, verificando-se que a maioria dos alunos apresenta níveis adequados, o que também já se concluiu estar associado a menos comportamentos de risco (Calado & Lavado, 2026).

Neste sentido, os resultados agora obtidos dão azo a uma interpretação globalmente otimista da situação da juventude portuguesa no que se refere à dimensão problemática, por contraponto a algumas leituras que tendem a enfatizar excessivamente os sinais de alarme e os motivos de preocupação. Para além de um menor envolvimento em situações que envolvem diferentes tipos de risco, não só se verifica uma tendência de decréscimo dos consumos de substâncias psicoativas entre os jovens, como os indicadores que aferem o carácter problemático dos comportamentos aditivos registam prevalências tendencialmente da mesma ordem de grandeza do verificado na anterior edição do estudo, sendo mais os indicadores em que os valores descem face a 2019 do que os que sobem.

O presente estudo parte do pressuposto de que não basta medir a prevalência e a frequência dos comportamentos aditivos, sendo tão ou mais importante avaliar também os seus riscos e consequências – isto é, perceber em que medida determinados comportamentos se traduzem em problemas concretos e impactos reais. Assim, importa identificar os fatores que contribuem para que alguns adolescentes pareçam particularmente vulneráveis e também os mecanismos que explicam que os comportamentos de risco se concentrem num grupo relativamente reduzido de jovens.

Uma das conclusões que os resultados permitem retirar é que a dimensão problemática associada aos diversos comportamentos aditivos nem sempre está indexada às descidas ou subidas verificadas nas prevalências gerais. Tal ajuda a olhar para o grupo dos consumidores como nichos que, por vezes, agregam os alunos que evidenciam maiores perfis de risco, destacando-se por maiores consumos e mais problemas associados quando a prevalência entre o total de inquiridos desce.

Entre 2019 e 2024, o consumo recente de álcool decresceu de forma particularmente acentuada (-11p.), ao contrário da dimensão problemática que lhe está associada («ingerir bebidas alcoólicas para esquecer problemas»), que, em contraciclo, subiu ligeiramente (+1pp.). Já no caso da canábis, face ao último estudo, a descida relativamente à percentagem de alunos que declararam ter consumido no último ano esta substância e à percentagem de consumidores recentes que apresentam algum risco de dependência foi a mesma (-7pp.). Por outro lado, há hoje mais alunos a declarar ter jogado videojogos nos últimos 30 dias (+7pp.), embora a percentagem de jogadores considerados problemáticos (jogo eletrónico *online*) e que apresentam um padrão de jogo com uma dimensão problemática (jogo eletrónico *online* e/ou *offline*) não se tenha alterado entre 2019 e 2024. Por fim, também o jogo a dinheiro se tornou mais prevalente (+5pp.), embora a percentagem de jogadores a declarar já ter sentido necessidade de apostar quantias cada vez maiores tenha descido (-3pp.). Ou seja, a redução global das prevalências de comportamentos aditivos não significa necessariamente uma diminuição proporcional do risco entre os consumidores / jogadores.

Como interpretar a conjugação de todos estes dados, para mais sabendo-se que, entre as duas edições do estudo, se verificou uma pandemia e que a tendência de digitalização da vida quotidiana se tem vindo a consolidar de forma inexorável? Diversos autores (Vieira *et al.*, 2025; Whitaker *et al.*, 2023; Caluzzi *et al.*, 2022; Holmes *et al.*, 2022) têm procurado explicações para o declínio do consumo de substâncias psicoativas entre os jovens a que parece assistir-se em muitos países ocidentais, incluindo Portugal. Há mesmo quem sugira que, desde meados do século XX, a cada nova geração parece diminuir a propensão para o envolvimento em atividades que acarretam risco e que potencialmente se traduzem em consequências nefastas (Ball *et al.*, 2023; Borodovsky, 2019). Os dados agora obtidos parecem apontar no mesmo sentido, ainda que não seja fácil vislumbrar totalmente as implicações do que está em causa e a forma como tal está relacionado, por exemplo, com o aumento das adições comportamentais e o maior tempo passado em casa (em especial, em frente a ecrãs).

Não obstante os resultados globais do estudo poderem ser lidos com otimismo, é importante reforçar que, ainda que constituam uma minoria, alguns alunos declaram ter experienciado recentemente um conjunto de situações problemáticas – algumas com consequências bastante gravosas e indicadoras, só por si, de um conjunto de problemas e vulnerabilidades. Nesse sentido, importa traçar o perfil dos alunos cujo comportamento mais se traduz em situações problemáticas, nomeadamente no que se refere ao padrão de consumo de substâncias psicoativas, uma vez que os dados obtidos tornam bastante claro que os alunos que consomem álcool e, sobretudo, drogas ilícitas se destacam por se envolverem mais em problemas do que os alunos que declaram não ter consumido substâncias psicoativas no último ano.

Assim sendo, reforça-se a conclusão a que já se chegava no último estudo, no sentido em que a situação face ao consumo recente de álcool e, sobretudo, de drogas ilícitas assume-se como um fator cada vez mais associado à experiência de problemas / situações problemáticas, sobretudo no que diz respeito a comportamentos de risco de natureza sexual, conduta violenta e problemas com a lei. Dito de outra forma, apesar de, entre 2019 e 2024, ter diminuído a percentagem de alunos que consomem álcool e drogas ilícitas, a diferença do envolvimento em situações problemáticas entre consumidores e não consumidores deste tipo de substâncias psicoativas aumentou de forma considerável, com os primeiros a registar valores várias vezes mais elevados do que os segundos.

No entanto, tal como em relatórios anteriores, podem apenas ser colocadas questões e propostas reflexões, uma vez que este tipo de estudos não permite estabelecer nexos causais. Apesar de ser um tema amplamente estudado (Hair *et al.*, 2009; Baskin-Sommers & Sommers, 2006), dificilmente a associação entre o consumo de substâncias psicoativas e outros comportamentos de risco permite distinguir o que é causa e consequência. Veja-se, por exemplo, a associação entre o consumo de drogas ilícitas e o comportamento delinquente e criminal, que é um tema amplamente estudado (Liem & Moeller, 2025; Walters, 2022; Boles & Miotto, 2003; Goldstein, 1985). Se os resultados agora obtidos reforçam essa associação, demonstrando de forma inequívoca uma maior propensão para problemas com a polícia por parte dos consumidores deste tipo de drogas, fica por saber se é o seu consumo que favorece o comportamento delinquente ou se alunos situados nas margens mais facilmente consomem substâncias ilícitas, algo que, por definição, constitui uma transgressão. Ou talvez haja um conjunto de outros fatores – nomeadamente de ordem socioeconómica – que levam os indivíduos, e os jovens em particular, a ter comportamentos considerados delinquentes e simultaneamente a consumir determinadas substâncias.

Seja como for, ainda que a experiência de situações problemáticas entre os alunos seja indiscutivelmente mais frequente entre os consumidores de álcool e drogas ilícitas, estas tendem a não estar diretamente relacionados com o consumo de substâncias psicoativas. De facto, de acordo com o declarado pelos alunos, apenas uma pequena percentagem das situações problemáticas ocorre depois de um episódio de consumo. Comparando os atuais resultados com os obtidos em 2019, entre os respetivos consumidores recentes, a experiência de

situações problemáticas depois de um episódio de consumo de álcool são hoje menos frequentes, enquanto se verifica o inverso no que concerne às drogas ilícitas.

Quando conjugados, o consumo de álcool e o consumo de drogas ilícitas – não necessariamente na mesma ocasião – revelaram igualmente ter um impacto particularmente significativo na ocorrência de situações problemáticas. Os resultados demonstram que os adolescentes que acumulam ambos os consumos – uma minoria – apresentam prevalências muito superiores de acidentes, problemas com a polícia, *cyberbullying* e relações sexuais desprotegidas quando comparados com aqueles que apenas consomem álcool.

Face ao estudo anterior, o perfil dos alunos mais propensos a envolverem-se em problemas e padrões mais problemáticos de comportamentos aditivos alterou-se ligeiramente. Por um lado, continuam a ser os alunos do sexo masculino, com fraco rendimento escolar e hábitos mais assíduos de saída à noite que se destacam na maior parte dos indicadores analisados, enquanto, no que respeita à idade, continua a não haver um grupo etário claramente mais envolvido em problemas / situações problemáticas. No entanto, o cenário alterou-se no que se refere à região e ao controlo parental. Hoje, são os alunos do Alentejo e da Região Autónoma dos Açores que se destacam pelos valores mais elevados no conjunto dos doze indicadores considerados, enquanto em 2019 isso acontecia sobretudo em Lisboa. Por outro lado, se na anterior edição do estudo na maior parte dos indicadores em análise os valores pouco variavam em função do controlo parental a que os alunos diziam estar sujeitos, os resultados agora obtidos apontam noutro sentido: contar com um controlo parental mais apertado está hoje claramente associado a uma menor dimensão problemática. Por fim, os alunos com um fraco bem-estar físico e emocional destacam-se pelos valores mais elevados na maior parte dos indicadores relativos à dimensão problemática analisados, sendo que esta variável não era contemplada na anterior edição do estudo.

Questões para reflexão:

- Estará o consumo de substâncias psicoativas durante a adolescência associado a uma maior impulsividade, diminuição da perceção de risco e desregulação emocional, o que poderá contribuir para uma maior propensão para a experiência de problemas / situações problemáticas? Face aos resultados obtidos, poderá olhar-se para os comportamentos aditivos como marcadores de vulnerabilidade psicossocial?
- Com base na forma como os rapazes se destacam em alguns indicadores e as raparigas noutros, poderá falar-se em formas de lidar com os problemas diferentes consoante o género, sendo que os rapazes mais facilmente evidenciam uma tendência para comportamentos externalizantes e de procura de sensações, com as raparigas a optar por comportamentos de internalização, como beber álcool para esquecer os problemas?

- Será que um fraco rendimento escolar favorece ativamente o envolvimento em situações problemáticas ou é a adoção de comportamentos de risco que tende a comprometer o desempenho académico?
- O que explica que um maior controlo parental tenha passado a constituir um fator protetor (quando não o era em 2019), estando hoje associado a uma menor dimensão problemática? Estará o controlo parental mais direcionado para comportamentos de risco relacionados com as substâncias psicoativas e, porventura, menos para as adições digitais, que decorrem muitas vezes em espaços privados (casa, quarto) e não em espaços públicos (rua, bares, discotecas)? O certo é que a percentagem de alunos que declaram passar demasiado tempo em redes sociais é claramente superior à percentagem que indica que os seus pais / educadores são dessa opinião. Como entender que haja uma percentagem relevante de pais que não dizem aos filhos que passam tempo a mais em frente a ecrãs e a jogar videojogos quando estes são os primeiros a admiti-lo? Não se apercebem ou desvalorizam esses comportamentos, olhando-os por um prisma que não o dos comportamentos aditivos?
- Em que sentido tal explica o facto de o nível de controlo parental parecer ter menos influência na dimensão problemática associada aos comportamentos aditivos sem substância? Terá que ver com o acesso generalizado às tecnologias digitais e à maior autonomia que é hoje concedida aos jovens na utilização destes dispositivos e plataformas digitais?
- O facto dos jovens que consomem drogas ilícitas apresentarem um perfil de risco superior ao registado em 2019 significa uma tendência de concentração dos comportamentos de maior risco num grupo mais reduzido de consumidores? Pode dizer-se que há menos adolescentes a consumir substâncias ilícitas, mas a fazê-lo de uma forma mais nociva e a apresentar maiores vulnerabilidades psicossociais?
- Dado que a conjugação de diferentes substâncias psicoativas emerge como fator risco, como apostar ainda mais na identificação precoce dos padrões de policonsumo, em detrimento de uma abordagem focada em substâncias de forma isolada?
- Como entender a polarização a que se parece assistir no que se refere ao risco de dependência à canábis, no sentido em que, face a 2019, aumentou a percentagem de consumidores recentes que não apresentam risco, mas também a dos que apresentam risco elevado? Pode dizer-se que há um grupo mais reduzido de consumidores de canábis, simultaneamente que se destaca um nicho mais vulnerável à dependência?
- Se a experiência de situações problemáticas tende a não ocorrer na consequência de um episódio de consumo, o que explica que os consumidores recentes de álcool e drogas ilícitas se envolvam em problemas muito mais do que os alunos que não consumiram recentemente estes dois tipos de substâncias psicoativas? Em que medida tal obriga a olhar de uma forma abrangente para o perfil dos

alunos em maior risco? Será que, mais do que um fenómeno isolado, não fará mais sentido olhar para o consumo de substâncias psicoativas como mais um elemento de determinados estilos de vida?

- Dado que os alunos com menor bem-estar apresentam maiores prevalências na maioria dos indicadores analisados, nomeadamente no que se refere ao consumo de álcool para esquecer problemas, em que medida faz sentido reforçar ainda mais a promoção da saúde mental nas estratégias de prevenção dos comportamentos aditivos, reconhecendo que muitos dos comportamentos aditivos podem representar formas desadaptativas de lidar com sofrimento psicológico?
- O que explica que, considerando o conjunto dos indicadores relativos à dimensão problemática analisados, os jovens do Alentejo se destaquem pelas maiores prevalências, quando não era esse o caso em 2019? Em que medida os fatores que parecem ser protetores do envolvimento em situações problemáticas, nomeadamente aquelas relacionadas com o consumo de álcool e drogas ilícitas, estão menos presentes na região?
- Por fim, como promover a identificação precoce do perfil dos jovens que acumulam múltiplos fatores de vulnerabilidade e fomentar intervenções direcionadas e cada vez mais eficazes?

CONCLUSÃO

Replicando o que foi feito aquando da última edição, o presente estudo consolida o conhecimento sobre a dimensão problemática dos comportamentos aditivos entre os alunos do ensino público português com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, privilegiando a análise das consequências e do risco associado aos diferentes comportamentos aditivos em detrimento da mera descrição das prevalências de consumo. Esta abordagem revela-se particularmente pertinente, na medida em que permite identificar os grupos de adolescentes mais vulneráveis e compreender de forma mais abrangente os fatores associados ao envolvimento em situações problemáticas, incluindo aquelas relacionadas com os comportamentos aditivos.

Os resultados obtidos evidenciam uma evolução globalmente favorável quando comparados com os da edição anterior do estudo. Entre 2019 e 2024 observa-se uma diminuição da maioria das situações problemáticas analisadas, acompanhando – ainda que não à mesma velocidade – o decréscimo das prevalências de consumo de substâncias psicoativas. Paralelamente, verificam-se evoluções positivas em diversos fatores reconhecidos como protetores, nomeadamente o aumento do rendimento escolar, o reforço do controlo parental e a diminuição da frequência das saídas noturnas. Estes resultados sugerem que, em termos gerais, no que aos comportamentos aditivos e às suas consequências diz respeito, a realidade dos adolescentes portugueses pode ser olhada com mais otimismo do que às vezes se tem tendência a pensar.

Contudo, esta evolução não descarta a existência de grupos particularmente vulneráveis, a que importa dar atenção. O estudo demonstra que os consumidores de álcool e, sobretudo, de drogas ilícitas continuam a apresentar uma probabilidade muito maior de experienciar situações problemáticas, destacando-se particularmente os adolescentes que acumulam o consumo de álcool com drogas ilícitas. Ainda que não permitam estabelecer relações de causalidade, os dados confirmam uma associação cada vez mais consistente entre o consumo de substâncias psicoativas e um conjunto de comportamentos de risco, reforçando a necessidade de continuar a investir em estratégias de prevenção dirigidas aos jovens que apresentam maiores vulnerabilidades.

À semelhança de outros relatórios ECATD-CAD, os resultados agora obtidos evidenciam igualmente que os comportamentos aditivos devem ser compreendidos como fenómenos complexos e multifatoriais,

influenciados pela interação entre características individuais, familiares e socioeconômicas. O baixo rendimento escolar, o fraco controlo parental, os hábitos frequentes de saída à noite e níveis reduzidos de bem-estar físico e emocional surgem como importantes fatores associados à dimensão problemática dos comportamentos aditivos e não só. Em contrapartida, o sucesso académico, uma supervisão parental mais apertada e um adequado bem-estar físico e emocional parecem desempenhar um papel protetor, reforçando a importância de abordagens preventivas que vão para além de intervenções exclusivamente centradas nas substâncias.

No que respeita aos comportamentos aditivos sem substância, os resultados apontam para uma relativa estabilidade dos problemas associados aos videojogos e ao jogo a dinheiro, enquanto as redes sociais digitais constituem a principal exceção, registando um ligeiro aumento da dimensão problemática. Embora a maioria dos adolescentes pareça utilizar estas plataformas sem grandes consequências negativas, este resultado evidencia a necessidade de acompanhar a evolução dos comportamentos digitais, atendendo ao papel cada vez mais central que estes assumem na vida quotidiana dos jovens.

Em suma, o presente estudo confirma que a análise da dimensão problemática dos comportamentos aditivos constitui um complemento indispensável à monitorização das prevalências de consumo. Mais do que quantificar comportamentos, é possível identificar os adolescentes que apresentam maior risco de sofrer consequências negativas e compreender os fatores que potenciam essa vulnerabilidade. Neste sentido, os resultados reforçam a importância de políticas de prevenção sustentadas na evidência científica, integrando a promoção do bem-estar e da saúde psicológica, o reforço das competências socioemocionais, o trabalho com as famílias, o sucesso escolar e a literacia digital, contribuindo para uma resposta mais eficaz aos desafios que, com novas ou velhas configurações, os comportamentos aditivos continuam a colocar.

O próximo estudo permitirá perceber se, num futuro próximo, as tendências aqui identificadas terão continuidade e se o perfil dos alunos em maior risco de se envolverem em problemas e situações problemáticas se manterá ou se alterará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ball, Jude *et al.* (2023). The great decline in adolescent risk behaviours: Unitary trend, separate trends, or cascade? *Social Science & Medicine*, 317, 115616. doi:[10.1016/j.socscimed.2022.115616](https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2022.115616)
- Baskin-Sommers, Arielle & Ira Sommers (2006). The co-occurrence of substance use and high-risk behaviors. *Journal of Adolescent Health*, 38(5), 609-611. doi: [10.1016/j.jadohealth.2005.07.010](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2005.07.010)
- Boles, Sharon & Karen Miotto (2003). Substance abuse and violence: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 8(2), 155-174. doi: [10.1016/S1359-1789\(01\)00057-X](https://doi.org/10.1016/S1359-1789(01)00057-X)
- Borodovsky, Jacob (2019). A decline in propensity toward risk behaviors among U.S. adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 65(6), 745-751. doi: [10.1016/j.jadohealth.2019.07.001](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.07.001)
- Bresin, Konrad & Yara Mewaki (2020). The “why” of drinking matters: A meta-analysis of the association between drinking motives and drinking outcomes. *Alcohol, Clinical and Experimental Research*, 45, 38-50. doi:[10.1111/acer.14518](https://doi.org/10.1111/acer.14518)
- Calado, Vasco & Elsa Lavado (2026). *ECATD-CAD 2024. Bem-estar, saúde psicológica e comportamentos aditivos*. Lisboa: ICAD. <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=1363&languageId=1>
- Calado, Vasco & Elsa Lavado (2021). *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre os comportamentos de consumo de álcool, tabaco, drogas e outros comportamentos aditivos e dependências: Portugal 2019. Dimensão problemática*. Lisboa: SICAD. <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=190&languageId=1>
- Caluzzi, Gabriel *et al.* (2022). Declining drinking among adolescents: Are we seeing a denormalisation of drinking and a normalisation of non-drinking? *Addiction*, 117(5), 1204-1212. doi:[10.1111/add.15611](https://doi.org/10.1111/add.15611)
- Demetrovics, Zsolt *et al.* (2012). The development of the Problematic Online Gaming Questionnaire (POGQ). *PLoS One*, 7(5), e36417. doi: [10.1371/journal.pone.0036417](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0036417)
- Domenech, Arnau *et al.* (2025). Systematic review of the use of the WHO-5 Well-Being Index across different disease areas. *Advances in Therapy*, 42, 3657–3677. doi: [10.1007/s12325-025-03266-9](https://doi.org/10.1007/s12325-025-03266-9)
- Goldstein, Paul (1985). The drugs/violence nexus: A tripartite conceptual framework. *Journal of Drug Issues*, 15(4), 493–506. doi: [10.1016/j.addbeh.2004.12.007](https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2004.12.007)
- Hair, Elizabeth *et al.* (2009). Risky behaviors in late adolescence: Co-occurrence, predictors, and consequences. *Journal of Adolescent Health*, 45(3), 253-261. doi: [10.1016/j.jadohealth.2009.02.009](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.02.009)
- Holmes, John *et al.* (2022). Youth drinking in decline: What are the implications for public health, public policy and public debate? *International Journal of Drug Policy*, 102, 103606. doi: [10.1016/j.drugpo.2022.103606](https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2022.103606)
- Holstein, Bjørn *et al.* (2014). Perceived problems with computer gaming and internet use among adolescents: measurement tool for non-clinical survey studies. *BMC Public Health*, 14, 361. doi: [10.1186/1471-2458-14-361](https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-361)
- Lavado, Elsa & Vasco Calado (2025a). *ECATD-CAD. Estudo sobre o consumo de álcool, tabaco, drogas e outros comportamentos aditivos e dependências. Portugal 2024. Relatório nacional*. Lisboa: ICAD. <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=961&languageId=1>

- Lavado, Elsa & Vasco Calado (2025b). *ECATD-CAD. Estudo sobre o consumo de álcool, tabaco, drogas e outros comportamentos aditivos e dependências. Portugal 2024. Relatório regional*. <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=1192&languageId=1>
- Legleye, Stéphane *et al.* (2007). Validation of the CAST, a general population Cannabis Abuse Screening Test. *Journal of Substance Use*, 12(4), 233–242. doi:[10.1080/14659890701476532](https://doi.org/10.1080/14659890701476532)
- Liam, Marieke & Kim Moeller (2025). Revisiting Goldstein's drugs-violence nexus: Expanding the framework for the globalized era. *International Criminology*, 5, 71-83. doi:[10.1007/s43576-025-00160-w](https://doi.org/10.1007/s43576-025-00160-w)
- Marsh, Brendan (2020). *The Logic of Violence. An ethnography of Dublin's illegal drug trade*. Londres: Routledge.
- Pápay, Orsolya *et al.* (2013). Psychometric properties of the Problematic Online Gaming Questionnaire Short-Form and prevalence of problematic online gaming in a national sample of adolescents. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16 (5), 340-348. doi:[10.1089/cyber.2012.0484](https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0484)
- Skrzynski, Carillon & Kasey Creswell (2020). Associations between solitary drinking and increased alcohol consumption, alcohol problems, and drinking to cope motives in adolescents and young adults: a systematic review and meta-analysis. *Addiction*, 115, 1989–2007. doi:[10.1111/add.15055](https://doi.org/10.1111/add.15055)
- Strizek, Julian *et al.* (2020). Perceived problems with adolescent online gaming: National differences and correlations with substance use. *Journal of Behavioral Addictions*, 9(3), 629-641. doi:[10.1556/2006.2020.00061](https://doi.org/10.1556/2006.2020.00061)
- Vieira, Emma *et al.* (2025). A systematic review of adolescent alcohol-related harm trends in high-income countries with declines in adolescent consumption. *Addiction*, 120(8), 1551-1570. doi:[10.1111/add.70026](https://doi.org/10.1111/add.70026)
- Walters, Glenn (2022). Does adolescent drug use belong on the antisocial spectrum? Mediating the drug-crime connection with cognitive impulsivity. *International Journal of Law and Psychiatry*, 80, 101761. doi:[10.1016/j.ijlp.2021.101761](https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2021.101761)
- Whitaker, Victoria *et al.* (2023). Young people's explanations for the decline in youth drinking in England. *BMC Public Health*, 23, 402. doi:[10.1186/s12889-022-14760-y](https://doi.org/10.1186/s12889-022-14760-y)



Empoderar. *Empower.*
Cuidar. *Care.*
Proteger. *Protect.*



Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências, I.P.
Institute on Addictive Behaviours and Dependencies, P.I.
Tel: +351 211 119 000 | E-mail: icad@icad.min-saude.pt | www.icad.pt

